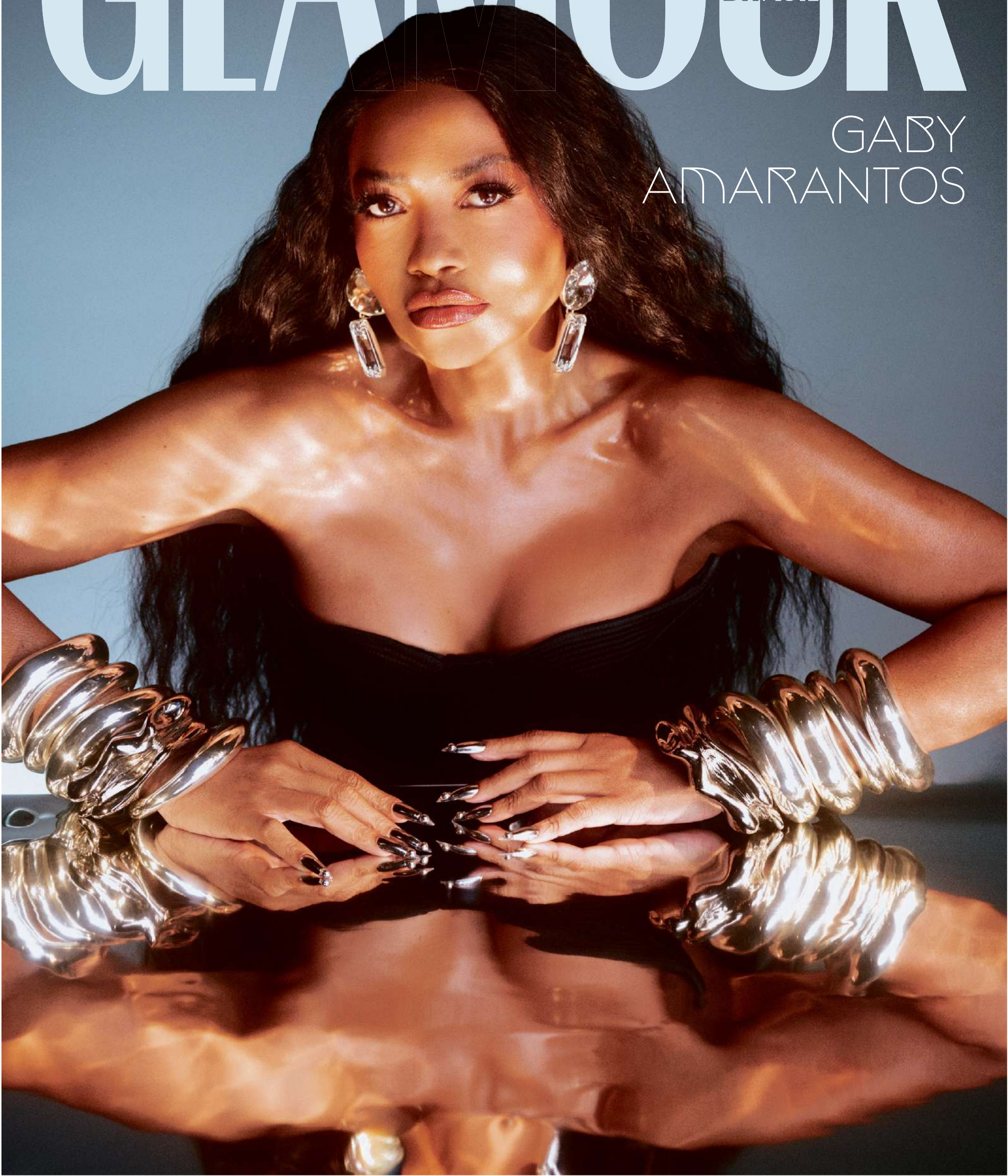


EDIÇÃO DIGITAL OUTUBRO 2025 N° 156

GLAMOUR

BRASIL

GABY
AMARANTOS



carta

da

Os olhos do mundo estão voltados para o Brasil. E, desta vez, o motivo tem raízes fincadas na Amazônia. No próximo mês, Belém, no Pará, se transforma no centro das discussões sobre o clima ao sediar a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, a COP 30. Paralelamente, o Earthshot Prize, premiação ambiental criada pelo príncipe William, desembarca no Rio de Janeiro, reforçando o protagonismo do País no debate global sobre o futuro do planeta. A floresta, antes vista como símbolo de abundância e vida, agora também é sinônimo de urgência.

Lembro da primeira vez que estive na Amazônia, em 2016. Foi uma viagem rápida, mas transformadora. Em meio àquela imensidão verde, você entende que a natureza não é cenário, é personagem principal. O tempo parece desacelerar, o silêncio ganha som. E os povos originários, que resistem entre desmatamentos e deslocamentos, ensinam com simplicidade o que muitos esquecem: preservar não é luxo, é necessidade coletiva. Saí de lá menor, no melhor sentido, e com a certeza de que proteger a Amazônia começa com consciência. A minha, a sua, a de todos nós.

Aqui na Glamour, acreditamos que sustentabilidade não é tendência; é compromisso. Está nas escolhas diárias, no que vestimos, compramos, compartilhamos e apoiamos. Também é entender que cuidar do meio ambiente passa, inevitavelmente, por cuidar das pessoas. Como bem disse Chico Mendes, seringueiro e símbolo da luta ambiental no Brasil: "Ecologia sem luta de classes é jardinagem" – um lembrete necessário de que o cuidado com a natureza

também é uma questão de justiça social. Nas nossas edições mensais, no Prêmio Geração Glamour e diariamente na seção Um Só Planeta do site, mergulhamos em conversas que antecedem a COP 30 e contamos histórias de mulheres que inspiram ação. De ativistas a artistas, são narrativas de quem acredita e age em prol da transformação, seja por meio de projetos ou do microfone.

E ninguém traduz melhor essa energia do que Gaby Amarantos, nossa capa do mês. Paraense, cantora, compositora, atriz e ativista, Gaby transforma som em resistência e arte em afirmação. "Estou realizando um sonho. É muito significativo ser a primeira mulher paraense na capa da Glamour", disse, sorrindo, ao chegar ao estúdio — poucas horas depois de comemorar 1 milhão de streams do seu novo audiovisual Rock Doido. Uma das precursoras do tecnobrega no Brasil, responsável por levar o gênero para o País inteiro, viu, em 2024, sua obra ser reconhecida como Patrimônio Cultural e Imaterial do Pará. Agora, se prepara para levar sua música para o mundo no Global Citizen Festival. Gaby representa uma Amazônia que pulsa, canta, dança e sonha. A mesma que desafia estereótipos, resiste à invisibilidade e hoje ocupa, com brilho próprio, o centro do palco global. "Por muito tempo a gente viveu invisibilizado... [Ver o Pará no centro do mundo] vai ser uma grande cura", reflete na entrevista concedida à jornalista Renata Telles (leia mais a partir da página 22).

Que esta edição te inspire a agir e a refletir. A perceber que o futuro da floresta (e do planeta) depende de políticas públicas, sim, mas também de escolhas individuais. Que você enxergue seu poder de transformação nas pequenas atitudes, nas vozes que decide seguir e amplificar, nas causas que decide abraçar. Porque, como diz Gaby, "a Amazônia não é hype — a gente veio para ficar."

Renata Telles

Diretora de Conteúdo

rgarcia@globocondenast.com.br
@renatagarcia



Foto: Thais Vandanezi

d i r e t o r a

GLAMOUR

Diretora de Conteúdo **RENATA GARCIA**
Redatora-chefe **BARBARA TAVARES**

REDAÇÃO

Editora de Beleza ISABELLA MARINELLI
Editora-assistente de Lifestyle NÍVIA PASSOS
Produtora de Conteúdo de Beleza CAROLINA MERINO
Produtora de Conteúdo de Moda ANA CAROLINA PINHEIRO
Analista Administrativa VANESSA SANTOS

ARTE

Designer MANOELA MOREL

COLABORADORES

ALINE LIVRA, AMAURI NETO, AMANDA CÂMARA, ANA PAULA CARNIELLI DE BARROS, ANDERSON SOARES, ANDREA DEMATTE, BRUNO ALVES, BRUNO PIMENTEL, CAMILA ANAC, CAMILA GOMES, CAMILA SOUZA, CARLAXANE, CAROL COQUEIRO, CREUZA TOLENTINO, CRIS BIATO, DANIELA BATISTA, DÉBORA LIMA, DENYS COSTA, DIEGO TERCARIOLI, EDUARDA HEINLIK, FLIMAS, GABRIEL BORSATTO, GUSTAVO ZYLBERSZTAJN, IAGO KULESIS, ISAAQUE NASCIMENTO, JOYCE BARBOSA, JUNY MARTINS, LORENA MOURA, LORI BARONI BOSIO, MALU PINHEIRO, MARI KATO, OCTAVIO DUARTE, RENATA TELLES, RICARDO ISHIHAMA, ROMULO KOERICH, SANNY ELIAS, THAIS VANDANEZI, THALITA PERES, VERIDIANA CUNHA, VICTOR ROCHA, VITOR COHEN.

EDIÇÕES | GLOBO CONDÉ NAST

Diretora-Geral
PAULA MAGESTE

Assistente-executiva **MARCIA CAETANO** macaetano@globocondenast.com.br

PUBLICIDADE

Diretora de Negócios ANITA CASTANHEIRA
(acastanheira@globocondenast.com.br)
Gerente Comercial FLAVIA GOZOLI
(flaviag@globocondenast.com.br)

ESTÚDIO DE CRIAÇÃO

Gerente de Projetos
MARINA CHICCA
(mchicca@globocondenast.com.br)

MARKETING E NOVOS NEGÓCIOS

Gerente de Marketing DANIELA LAURENTI
(dlaurenti@globocondenast.com.br)
Analista de Marketing GABRIELA KELAB
(gsilva@globocondenast.com.br)

COMUNICAÇÃO E EVENTOS

Diretora de Eventos CAROLINA CORREA
(ccorrea@globocondenast.com.br)
Analista de Eventos MAYARA SOUTO
(msouto@globocondenast.com.br)

PUBLICIDADE CENTRALIZADA

Diretor Nacional de Negócios SAMUEL SABBAG
Diretor de Desenvolvimento de Audiência e
Comercial TIAGO AFONSO
Coordenadora de Marcas RENATA DIAS
Diretores de Negócios Multiplataforma
EMILIANO MORAD HANSENN, LILIAM BAIMA,
ROBERTA FAIRBANKS e JOÃO MEYER

PUBLICIDADE RIO DE JANEIRO E BRASÍLIA

Diretor de Negócios Multiplataforma
MARCELO LIMA DA CUNHA MATTOS
Gerentes de Negócios Multiplataforma (RJ)
DARLENE BASTOS CAMPOS
E MONICA MONNERAT
Diretor de Negócios Multiplataforma (DF)
LUIZ FERNANDO DE ALMEIDA MANSO

PUBLICIDADE REGIONAL

SÃO PAULO/INTERIOR E LITORAL H2F MÍDIA
Humberto Vicentini: (comercial@h2fmidia.com.br)
SÃO PAULO/INTERIOR F&CAMPOS CONSULTORIA
E ASSESSORIA com Fernando Campos
(fernando@fecampos.com.br)
MINAS GERAIS/BELO HORIZONTE ON & OFF MÍDIA
Rodrigo Longuinho: (rlonguinho@oneoffmidia.com.br)
e Rafael Alves: (rafa10alves@gmail.com)

GOIÁS

W/VERÍSSIMO COMUNICAÇÃO
Wallison Veríssimo
(comercial@wverissimocomunicacao.com.br)

PARANÁ R2 CONECTA com Rodrigo Rocha:
(rodrigo@r2conecta.com.br)

NORTE/NORDESTE

A G HOLANDA COMUNICAÇÃO LTDA Agimiro Holanda:
(agholanda@gmail.com)

BAHIA/SERGIPE MUSA MÍDIA E PLANEJAMENTO
Diana Falcão: (dfalcão@musamidia.com.br) / Grow:
grow@musamidia.com.br

SANTA CATARINA/RIO GRANDE DO SUL/PARANÁ
JAZZ REPRESENTAÇÕES Claudia Weber:
(cweber@jazz.ppg.br)

PUBLICIDADE INTERNACIONAL

MILÃO MR. ANGELO CAREDDU – Oberon Media:
(contact@oberonmedia.com)

LONDRES MR. LEONARDO CAREDDU – Oberon
Media: (leonardo@oberonmedia.com)

NOVA YORK/MIAMI

MR. ALESSANDRO CREMONA – Condé Nast
International: (alessandro_cremona@condenast.com)

SUIÇA MRS. AMELIA GUERCIO – Magazine
International: (aguercio@magazineinternational.ch)

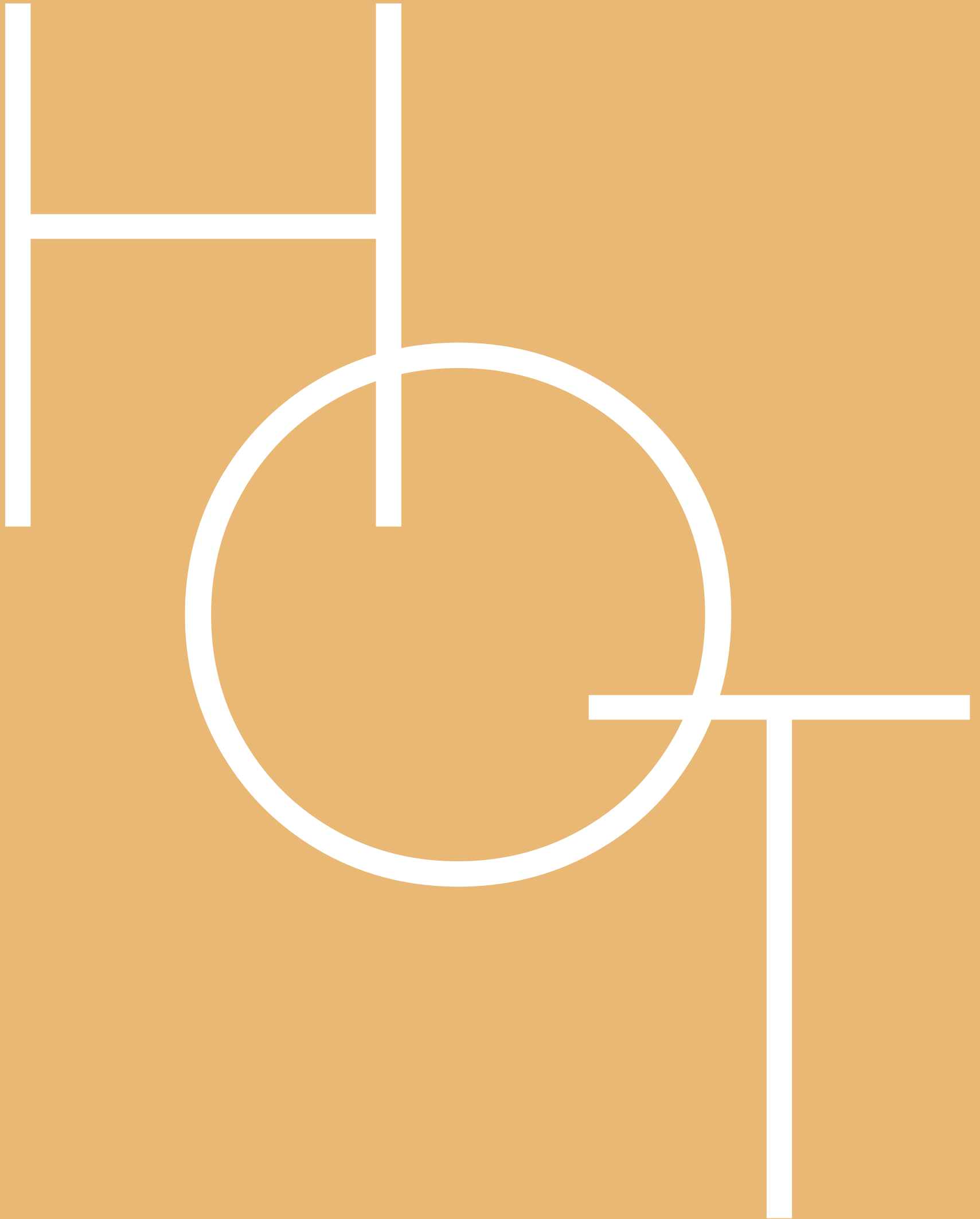
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

FREDERIC ZOGHAIB KACHAR, CHRISTIANE
CLARE MACK, JASON MILES, LEONARDO DIB,
MANUELA U. C. DE MATTOS, RAFAEL MENIN
SORIANO, TIAGO AFONSO

GLAMOUR É UMA PUBLICAÇÃO DAS EDIÇÕES GLOBO CONDÉ NAST S.A. Rua Gerivatiba, 207, tel. +55 (11) 2322-4609, fax +55 (11) 2322-4699, CEP 05501-030, Butantã, São Paulo, SP
ASSINATURAS São Paulo (11) 3362-2000 e Demais Localidades (11) 4003-9393* Fax +55 (11) 3766-3755 de 2º a 6ª feira das 8h às 21h e aos sábados das 8h às 15h | **WWW.ASSINEGLOBO.COM.BR**
SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE www.sacglobo.com.br* Custo de ligação local. Serviço não disponível em todo o Brasil. Para saber da disponibilidade em sua cidade, consulte sua operadora local. **IMPRESSÃO** IPSIS GRAFICA E EDITORA S/A. Rua Vereador José Nanci, 151, Parque Jaçatuba, Santo André, SP **DISTRIBUIÇÃO PARA TODO O BRASIL** SPDL - São Paulo Distribuição e Logística



ESTA EDIÇÃO É CARBON NEUTRAL
Compensamos nossa emissão de CO2
por meio da recomposição florestal.





Texto: Isabella Marinelli Foto: Livia Wu Set design: Débora Lima

Se você frequentou as redes sociais nos últimos anos, certamente foi impactada pela imagem de um secador de cabelo com possibilidades de ponteiros em vídeos mil de styling capilar. No TikTok, ele é conhecido como o "videogame das meninas", mas nós te apresentamos melhor: trata-se do modelador Airwrap, cujas funções passam por secar, escovar e até cachear os fios. O acessório multiúso faz parte do portfólio de eletrodomésticos e gadgets de cuidados da inglesa Dyson, que desembarcou no Brasil no ano passado em aeroportos, depois, e-commerce e, neste mês, abre a primeira loja física no shopping Cidade Jardim, em São Paulo.

Quem visita a pop-up pode conhecer de perto a tecnologia que o tornou viral a partir do secador Dyson Supersonic, a prancha sem fio Corrale e o próprio Airwrap. O ponto-chave está no uso inteligente e moderado do calor. Há um sistema que mede a temperatura do fluxo de ar centenas de vezes por segundo para mantê-la abaixo dos 150°C e evitar os danos térmicos severos aos fios. Os motores combinam velocidade e pressão para gerar um efeito que permite enrolar, ondular, alisar e secar o cabelo sem a necessidade das tais altas temperaturas. Quando o ar, impulsionado pela velocidade e pela pressão corretas, segue naturalmente uma superfície adjacente, arrasta os fios para o movimento desejado. Assim, consegue secar completamente ou dar forma ao cabelo úmido.

Se você nunca teve contato com eles para além dos vídeos nas redes sociais, a experiência offline é uma forma de experimentá-los na prática para entender se faz sentido na sua rotina capilar antes de passar o cartão de crédito definitivamente. Boas compras! 

**TWO LOST KIDS
NO FANTÁSTICO MUNDO
DA CRIAÇÃO**





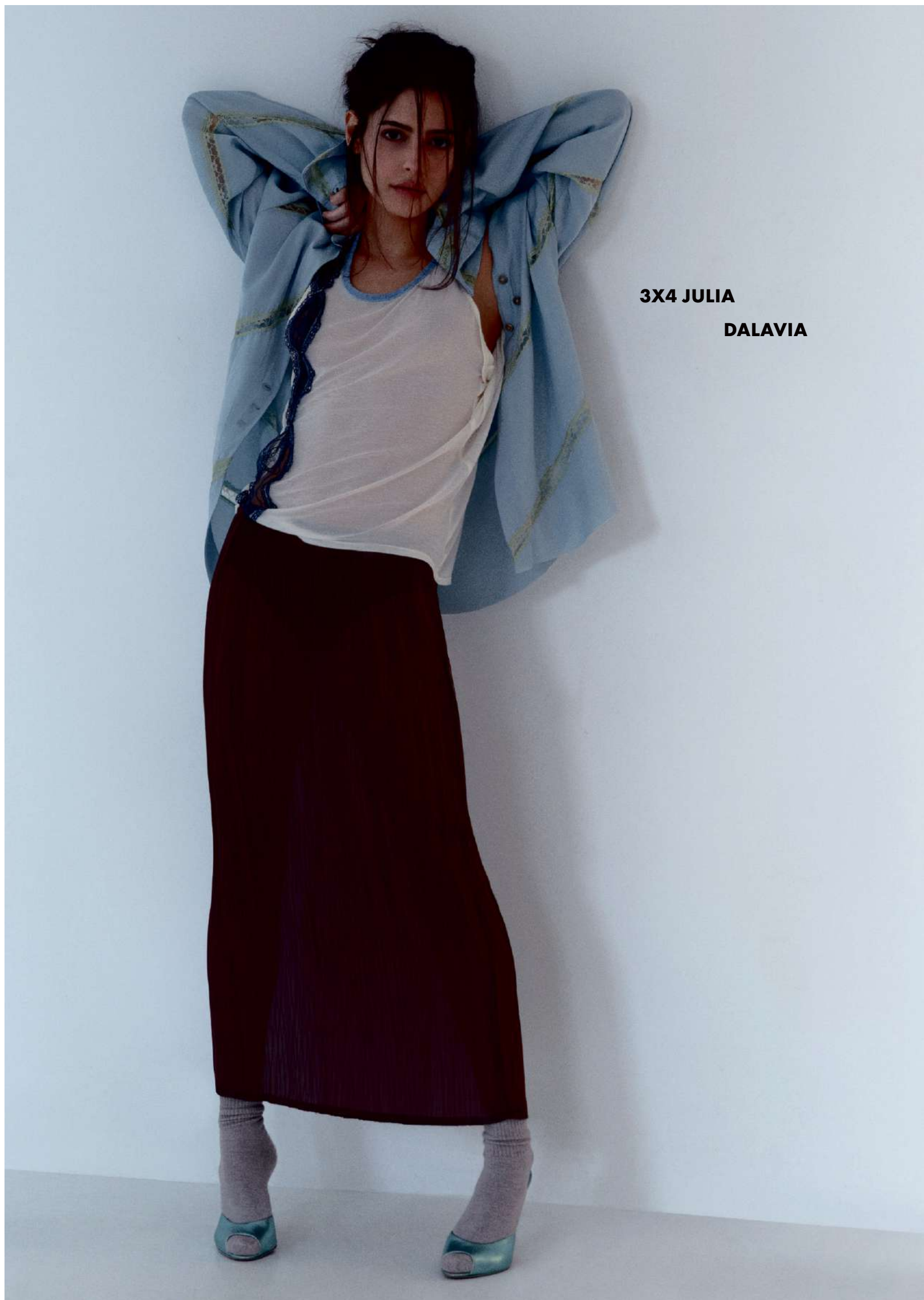
Criatividade, personalidade e irreverência. É assim que definimos o conteúdo das irmãs curitubanas Thalita e Gabriela Zukeram, mais conhecidas como Two Lost Kids. As brasileiras são as primeiras vencedoras do Rings, nova premiação do Instagram para criadores de conteúdo por todo o globo.

A edição de estreia celebrou quem não tem medo de ousar criativamente e se mantém autêntico. Os 25 homenageados foram selecionados por um júri renomado, incluindo a maquiadora Pat McGrath, o estilista Marc Jacobs e o cineasta Spike Lee. Gabi e Thali se destacaram por sua cultura e irmandade, que impulsionam a moda e arte por meio de uma estética própria com toque vintage. "É assim que se constrói uma identidade forte, sendo fiel a quem você é, mesmo quando ninguém mais está fazendo o mesmo", contam à Glamour.

O universo Two Lost Kids se fortaleceu por meio de conteúdos digitais com edições visuais impressionantes e influências da cultura pop. Tudo nasce do que estão vivendo e sentindo, não do que está em alta. "É sobre se inspirar no mundo real, nas experiências fora da internet e transformar isso em algo que é verdadeiramente seu", contam.

Essa paixão terá ainda mais vazão em 2026, quando as criações fashionistas da dupla estarão disponíveis para o público. As influenciadoras vão inaugurar a própria marca, a Two Lost, e já deram spoiler das peças. "As roupas que usamos na premiação do Rings 2025 — elogiadas até por Marc Jacobs — foram desenhadas por nós e vão estar à venda", revelam.

Elas começaram a idealizar a marca própria em 2012, mas a veia criativa se manifestou ainda na infância. "Crescemos garimpando em brechós e customizando roupas para transformar em peças que sonhávamos ter, só que não tínhamos acesso", lembram. "Com o tempo, a moda também se tornou uma extensão do nosso trabalho audiovisual. É um dos universos mais próximos do cinema dentro da publicidade e é onde sentimos mais liberdade criativa." **®**



3X4 JULIA

DALAVIA

Reconhecida por personagens femininas complexas, Julia Dalavia vive um momento de destaque na carreira. Protagonista de *Dias Perfeitos*, série de suspense psicológico do Globoplay, ela interpreta uma jovem aspirante a roteirista que acaba sequestrada por Téo (Jaffar Bambirra), estudante de medicina obcecado em fazê-la se apaixonar por ele. A repercussão da produção trouxe ainda mais visibilidade à atriz: "Perceber que a série tem gerado debates tem sido muito legal. Tenho recebido muito carinho, acho que isso se dá pela empatia e torcida que as pessoas criaram pela Clarice, isso me deixa muito feliz", conta.

Agora, ela se prepara para estreiar na série de terror sobrenatural *Reencarne*, também no Globoplay e ambientada no interior de Goiás, e a audiossérie *Orgulho e Preconceito*, clássico de Jane Austen produzido pela Audible. "Foram dois trabalhos muito diferentes em vários sentidos, do gênero à linguagem, e isso permitiu que eu me explorasse de maneiras novas. Sempre fui fascinada pela Elizabeth Bennet, então foi emocionante poder me aproximar dela de outra forma e, ao mesmo tempo, experimentar uma linguagem que eu nunca tinha explorado", acrescenta. Entre set de gravação, moda consciente e cuidados com a saúde mental, Julia reflete sobre escolhas, processos criativos e mais.

Você já fez personagens muito desafiadoras. O que busca ao escolher um projeto?

Boas histórias, que me toquem de alguma forma. Sou muito grata por sempre ter interpretado mulheres ativas na trama, que fazem a dramaturgia andar. Espero continuar assim, porque é isso que me motiva: personagens femininas fortes, histórias intensas e relevantes.

Qual a principal diferença entre atuar em novela e em série?

Cada formato tem sua particularidade. A novela é dinâmica, te exercita diariamente com muitas horas de gravação. A série, por outro lado, te permite pensar mais nas escolhas, já que sabemos o final e podemos construir a partir dele. Eu amo fazer os dois — e teatro também.

Qual é o espaço que o universo da moda e da beleza tem na sua vida?

Já tive muitas fases: hippie, rock, entre outras. Testei muito, e acho isso válido — mas hoje tenho um guarda-roupa mais consciente, com peças que realmente amo e quero levar para a vida. Com o tempo, fui peneirando, comprando menos por impulso e escolhendo roupas que refletem minha identidade.

Como cuida da sua saúde mental durante as gravações?

A terapia é essencial para mim. Além disso, procuro manter o sono em dia, estar descansada e concentrada. Meus rituais pessoais também me ajudam: palavras-cruzadas, ioga... São pequenas atividades que me trazem para o presente. Parece bobo, mas funciona.

Sente algum tipo de pressão para estar sempre presente nas redes sociais?

Já senti essa pressão, e às vezes ainda sinto. Mas procuro me respeitar: só faço o que é confortável. O que tenho de mais interessante para mostrar são meus personagens e meu trabalho, então mantenho minha vida pessoal mais reservada. Tento cada vez mais fazer as pazes com a relação com a internet.

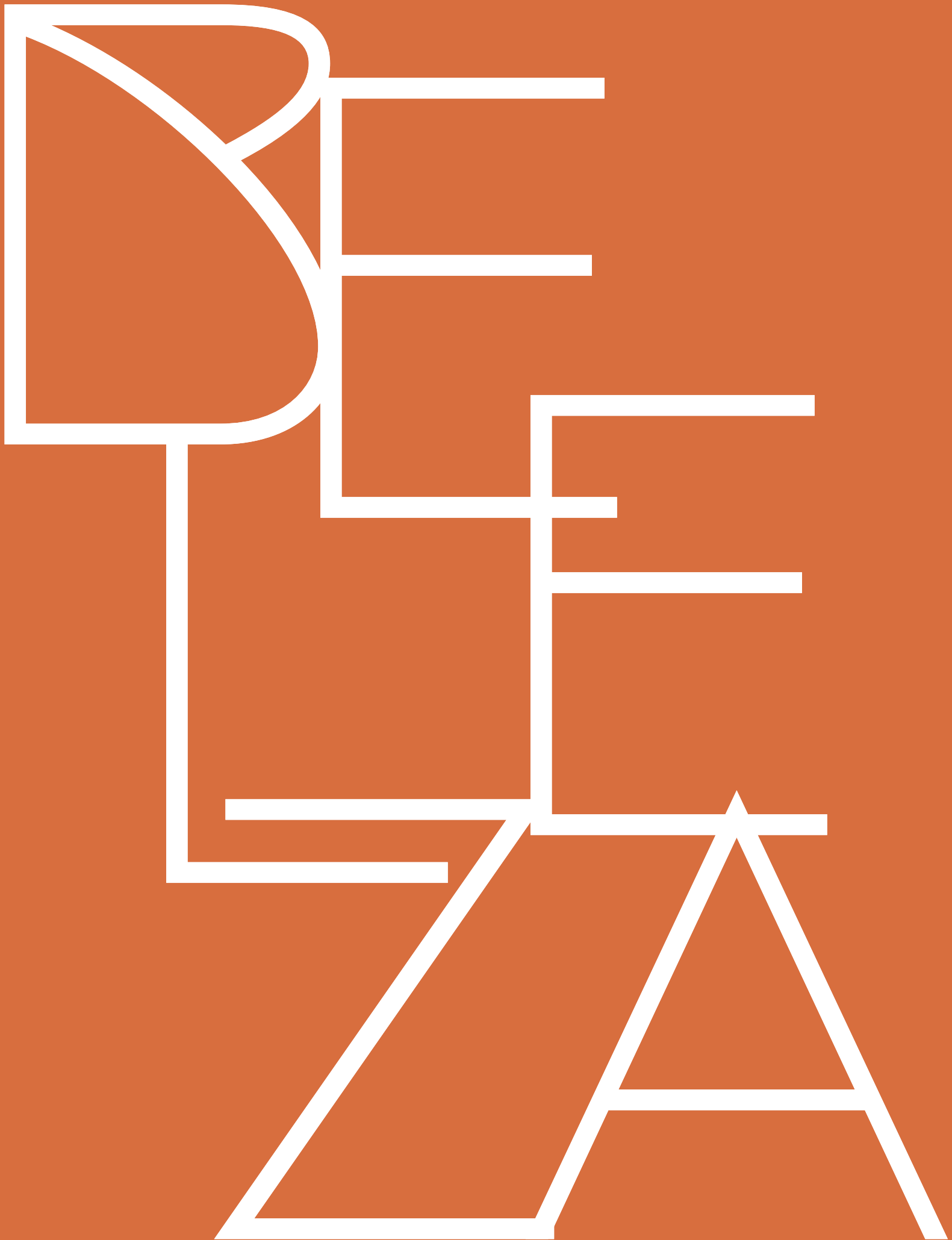
Se pudesse dar um conselho para a Julia do início da carreira, qual seria?

Eu diria: calma. As coisas acontecem no tempo certo. Continue estudando, se aprofundando no que ama e confie no processo.

Tem algo no audiovisual que você quer muito trabalhar? Um formato diferente? Uma história inovadora?

Eu nunca penso muito em termos de formato ou de gênero. O que me interessa é a conversa criativa, a colaboração, a chance de estar em um território que ainda não conheço. Sempre tive menos ambição de "chegar a um lugar" e mais curiosidade de me perder um pouco no processo. Pode ser cinema, teatro, até outro formato ainda sem nome... O importante é que me faça sentir viva, que não seja repetição. Prefiro estar sempre a serviço do que ainda está por nascer. ⑥





Hit nas passarelas internacionais,
o *color blocking* alcança
a maquiagem com olhar
revisitado. Pele fresca, sardas
à mostra e nada de máscara
para cílios atualizam o look
de verão sem esforço

Por **Isabella Marinelli**

Beleza **Mari Kato**

Fotos **Andrea Dematte**

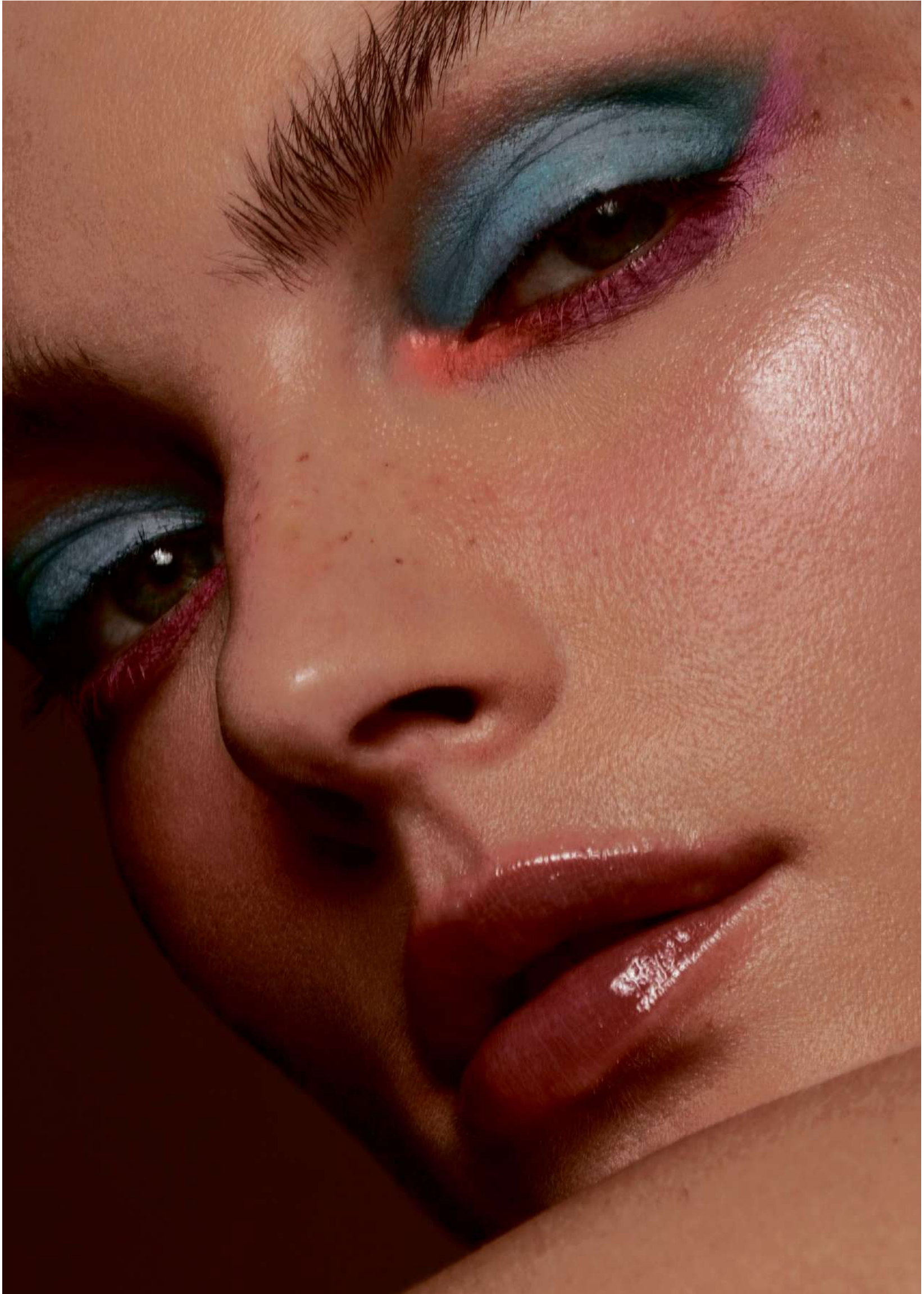
PODE VIR QUENTE

FORA

DO EIXO

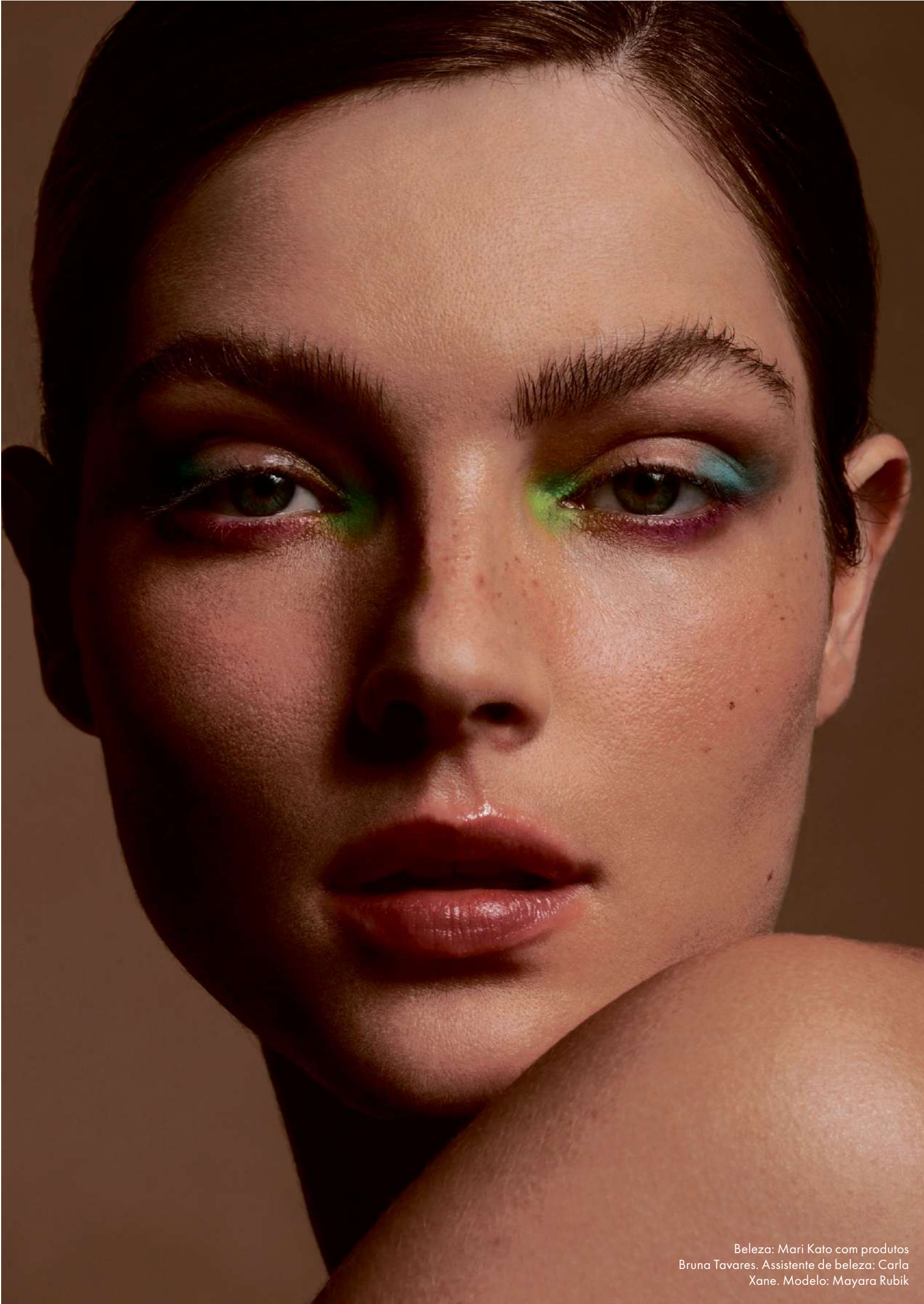
A sombra branca esfumada com acabamento difuso é um jeito fácil de levar o tom (nem sempre óbvio) para o dia a dia. Na próxima página, a sombra neon faz as vezes de iluminador no canto interno dos olhos para conferir destaque com cor. O mesmo vale para o delineado gráfico que abre este ensaio.





UNI-DUNI-TÊ

O efeito arco-íris ganha uma nova roupagem com alguns elementos atuais: a textura cremosa das sombras, a aplicação com bordas orgânicas e os cílios nus. Na página ao lado, o centro da pálpebra em branco aumenta o contraste no olhar.



Beleza: Mari Kato com produtos
Bruna Tavares. Assistente de beleza: Carla
Xane. Modelo: Mayara Rubik

MAIS FORTE

O câncer de mama não é uma única doença: ele muda de acordo com o tipo de tumor, o momento em que é encontrado, os tipos de células. Apesar disso, não faltam esforços nem otimismo para superá-lo em todas as manifestações. Reunimos boas notícias a seguir

Por **Isabella Marinelli**

QUE O MEDO

Em muitos momentos da vida, a realidade se impõe. É assim com o câncer de mama. Todo mundo conhece uma mulher que teve, ouviu falar sobre, passou uma noite em claro após receber o resultado de um exame. Dados do Instituto Nacional de Câncer (INCA) revelam que, para cada ano do triênio 2023-2025, foram estimados 73.610 novos casos, representando uma incidência de 41,89 casos por 100 mil mulheres. No Brasil, excluídos os tumores de pele não melanoma, o câncer de mama é o mais prevalente em mulheres de todas as regiões, com taxas maiores no Sul e no Sudeste.

A literatura médica diz que essa neoplasia maligna não é uma doença única, e várias classificações mexem com o comportamento do tumor. O tratamento, por sua vez, será definido conforme o estadiamento, ou seja, se está em fase inicial, avançado, metastático, e o perfil dele. "Os principais protocolos são cirurgia, radioterapia, quimioterapia, hormonioterapia, terapia-alvo, imunoterapia e anticorpos conjugados. Quando a doença é diagnosticada na fase precoce inicial, as chances de obter a cura são muito grandes", explica Ramon Andrade de Mello, médico oncologista e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Cancerologia.

A alta incidência assusta, mas também motiva a ciência a encontrar novos caminhos possíveis. Jeitos mais eficazes de diagnosticar cedo, um fator que muda o jogo, são apenas o começo. Os pesquisadores também estão interessados em saber quais drogas oferecem maior desempenho com menos efeitos colaterais, tipos cirúrgicos menos invasivos e mais efetivos e as abordagens que podem melhorar a experiência para além da doença. Aqui, reunimos uma série de boas notícias neste cenário.

A IA ENTROU NO CONSULTÓRIO

A inteligência artificial pode se tornar uma grande aliada no diagnóstico precoce do câncer de mama. Isso é o que acredita um grupo de pesquisadores da Universidade de Lübeck, na Alemanha, em estudo publicado em janeiro deste ano na revista científica *Nature Medicine*. Eles desenvolveram uma ferramenta para detecção de tumores de mama e a testaram pela primeira vez em um ambiente real e em larga escala, aplicado a um sistema de saúde de verdade.

Foram dados de 461.818 mulheres avaliados, todas participantes de um programa de triagem voltado às pacientes assintomáticas com idade entre 50 e 69 anos entre julho de 2021 e fevereiro de 2023. Todos os exames foram também laudados independentemente por dois radiologistas. No entanto, em quase metade deles, pelo menos um dos especialistas também utilizou a ferramenta de IA.

O software desenvolvido pelos pesquisadores não apenas rotula visivelmente os exames que considera não suspeitos como "normais", como também emite um alerta de segurança quando um laudo que classifica como suspeito é considerado ok pelo radiologista, ressaltando a área da imagem que merece mais atenção. Ao todo, 2.881 pacientes foram diagnosticadas com câncer de mama, sendo a taxa de detecção 17,6% mais alta no grupo cuja análise contou com ajuda da IA. Isso significa um caso a mais a cada mil mulheres. Em contrapartida, 20 diagnósticos ao todo teriam passado batido, caso os especialistas não tivessem revisado imagens classificadas como "normais" pelo bot.

O time de pesquisadores considerou o resultado promissor, uma vez que aumentam a velocidade de diagnóstico e são capazes de emitir alertas de prioridade. O professor Alexander Katalinic, coautor do estudo, afirmou que ela poderia "melhorar a taxa de detecção sem aumentar os danos para as mulheres que participam do rastreamento do câncer de mama" em entrevista ao jornal britânico *The Guardian*.

No Brasil, a startup Huna, fundada pela engenheira de produção Daniella Castro, figura entre as mais promissoras no desenvolvimento de rastreios do câncer. A tecnologia própria, desenvolvida nos laboratórios da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), utiliza hemogramas para identificar padrões associados ao risco de tumores malignos por meio de inteligência artificial. Ela foi treinada para detectar padrões biológicos associados a eles, técnica que pode funcionar como uma triagem de menor custo e maior adesão.

Neste ano, a tecnologia foi validada em dois estudos com análise de cerca de 350 mil exames de sangue de indivíduos que passaram por biópsia para câncer colorretal ou exame papanicolau em até seis meses após esse check-up. Os resultados demonstraram que o modelo de IA teve alto desempenho na detecção desses biomarcadores. As análises foram apresentadas no seminário anual da Sociedade Americana de Oncologia Clínica (ASCO 2025) e publicados no periódico científico *Journal of Clinical Oncology*. Também em 2025, a empresa levantou US\$ 1,5 milhão de investimento, entre fundos e investidores-anjo, para expandir os algoritmos. O dinheiro será direcionado ao aprimoramento de uma plataforma "multicâncer", entre eles o de mama.

Esse tipo foi o primeiro, aliás, a entrar no alvo da Huna. A ideia era que gestores de saúde se baseassem nos hemogramas para melhorar e agilizar as filas de mamografia. Ao separar as mulheres em dois grupos, sendo um com diagnóstico de câncer de mama e outro sem, o grupo avaliou laudos realizados até seis meses antes do diagnóstico final. O modelo inicial apresentou uma taxa de acerto de cerca de 70%, chegando a quase 90% quando cruzado com outros dados relacionados a histórico familiar e avaliações complementares.

NOVOS ALIADOS

Para quem já tem o diagnóstico fechado, também há novidades. Neste mês, o Sistema Único de Saúde recebeu o primeiro lote do remédio Trastuzumabe Entansina. O nome difícil se refere a um medicamento de última geração para o tratamento do câncer de mama HER2-positivo, forma mais agressiva da doença. Ele era aguardado desde 2022, quando foi incorporado ao SUS, pela excelente resposta diante de casos mais avançados: é capaz de reduzir em até 50% a mortalidade nas situações para as quais está indicado.

"Essa medida representa o combate direto às desigualdades no tratamento. Na prática, se traduz em mais tempo de vida, maior qualidade de existência e renovada esperança para milhares. A incorporação alinha o SUS aos padrões globais da oncologia de precisão, priorizando menos toxicidade, maior eficácia e a dignidade humana", diz o mastologista Eduardo Pessoa, presidente da Sociedade Brasileira de Mastologia - Regional de São Paulo. Os insumos atenderão 100% da demanda atual do SUS, beneficiando 1.144 pacientes ainda em 2025.

A indicação prioritária é para quem tem câncer de mama HER2-positivo em estágio III. São casos que já estão em fases avançadas e que não responderam a outras terapias. Aplicado por infusão, ele pertence a uma classe de fármacos moderna, chamada de anticorpos conjugados à droga (ADC). "Ele une o anticorpo trastuzumabe — que se liga especificamente à proteína HER2, presente em até 20% dos tumores mamários — a um agente quimioterápico potente, o DM1. Essa combinação permite que ele penetre nas células doentes e libere a quimioterapia no interior delas, minimizando danos aos tecidos saudáveis e reduzindo aos efeitos colaterais comuns", explica o médico.

Outro ineditismo da área dos tratamentos vem da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Docentes da instituição realizaram, pela primeira vez em um hospital público brasileiro, neste ano, um procedimento de crioablação para o tratamento do câncer de mama em estágio inicial. Trata-se do primeiro protocolo de pesquisa da América Latina a empregá-lo nesse tratamento.

A crioablação é um procedimento minimamente invasivo que se vale de temperaturas extremamente baixas para congelar e destruir células cancerígenas. Além de ser indolor, o método é preciso, rápido e apresenta bons resultados. Em países como Estados Unidos e Japão, a técnica já é adotada para tumores mamários e outras condições, como problemas cardíacos.

No Brasil, a crioablação tem aprovação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), mas ainda não integra o rol da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) para o tratamento do câncer de mama. O protocolo é voltado para pacientes com tumores menores que 2,5 cm e indicação primária de cirurgia.

Por enquanto, tudo foi desenvolvido em caráter experimental, mas, nos 60 casos eleitos, apresentou eficácia de 100% para tumores menores que dois centímetros. A fase seguinte compara um grupo tratado apenas com crioablação, sem cirurgia, a outro submetido ao método cirúrgico tradicional. Nessa nova etapa, mais de 700 pacientes devem participar da pesquisa. A expectativa da instituição, quando aprovado, é diminuir a fila do SUS em 30% para esse tipo de paciente que aguarda tratamento.

APOIO ÀS CIRURGIAS REPARADORAS

Passa a valer em novembro deste ano uma lei que amplia o direito das mulheres de recorrerem ao SUS (Sistema Único de Saúde) e aos planos privados para realizar cirurgia reparadora de mama. A determinação mantém o procedimento em situações de transformação total ou parcial do órgão, salientando que agora a cirurgia alcança a outras causas além do câncer.

Sancionada em julho, a nova determinação vai permitir a realização da cirurgia em casos não oncológicos, nos quais se incluem malformações, mamas tuberosas, grandes assimetrias, gigantomastia, entre outras ocorrências. Mas, de acordo com o mastologista José Luiz Pedrini, assessor especial da Presidência da Sociedade Brasileira de Mastologia (SBM), ela também ganha muito em importância por autorizar a simetrização da mama contralateral, isto é, o procedimento que equilibra o tamanho e a forma da mama sadia com a mama reconstruída após a mastectomia.

"A reconstrução mamária como parte integral do tratamento oncológico não é uma questão meramente estética. Em geral, a paciente que se submete à plástica após o tratamento do câncer tem menos episódios depressivos e retoma mais rapidamente sua vida familiar, afetiva e o trabalho", complementa Fabrício Brenelli, mastologista e presidente da Comissão de Oncoplasia da SBM. Ele destaca que a simetria é importante porque diz respeito ao contorno corporal feminino. "Uma mulher que passa por um procedimento que inclui a simetrização consegue se olhar no espelho com mais autoconfiança", defende. 



"A preservação ou

reconstrução da mama

após o câncer não é só estética.

É importante para a retomada da vida da paciente"

Woman (in Strong Light), Emil Nolde (1912) | Saint Louis Art Museum



DE FORA PARA DENTRO

Os cuidados de beleza podem ser ferramentas poderosas durante um tratamento contra o câncer de mama: garantem conforto diante dos efeitos químicos, reestabelecem a sensação de normalidade frente às incertezas e colaboram para a autoestima. Aqui, dicas para mantê-los de forma segura e intencional Por **Carolina Merino**

Foi em uma manhã rotineira, em junho de 2018, que Karina Hollo acordou e viu que seus seios estavam diferentes. O mamilo com aspecto invertido acendeu um alerta na cabeça da jornalista. Após exames e uma biópsia, veio a constatação que ela não esperava: um câncer de mama aos 46 anos. "Quando eu tive o diagnóstico, uma das coisas que mais refletia era sobre o meu cabelo. O estigma de ficar careca escancara a doença, e por isso nos impacta tanto. É como se perdê-lo tornasse o câncer ainda mais real", conta Karina sobre as primeiras reflexões voltadas ao impacto da doença na autoimagem.

No caso dela, foi preciso um protocolo de tratamento que incluiu quimioterapia, cirurgia e radioterapia. Em consulta com o oncologista, ela entendeu que os fios cairiam ainda nos primeiros ciclos quimioterápicos. A alternativa escolhida por Karina, com recomendação do médico, foi investir em uma prótese capilar antes mesmo de as primeiras mechas tocarem o chão.

A partir desse momento, se desenhava uma nova rotina de beleza, não apenas como um elemento estético, mas também como ferramenta de autoestima para quem já enfrentava tantas mudanças. Ela foi fundamental. "Minhas sobrancelhas e cílios caíram junto do meu cabelo, minha pele ficou mais seca e o rosto um pouco amarelado. Uma vez, durante o segundo ciclo de tratamento, encontrei uma mulher na sala de espera que

estava com um lenço colorido na cabeça e completamente maquiada. Isso me deu um clique e eu falei: 'é isso'. Passei a usar base, lápis de olho, batom e blush todos os dias. A maquiagem também se tornou uma amiga", lembra.

Essas ferramentas permitiram que Karina mantivesse o diagnóstico em segredo até se sentir confortável para dividi-lo. Já para outras mulheres, garantem a sensação de normalidade diante da fase difícil e ajuda nos incômodos da química do tratamento.

"A barreira cutânea não fica tão íntegra, então recomendamos evitar produtos alergênicos que possam causar alguma dermatite. Vale bater os ingredientes caso a caso com seu médico", explica a dermatologista Jade Cury. "Tendo a ser mais permissiva, para que as pacientes se sintam o mais próximo da normalidade possível. Se ela está acostumada a usar uma vitamina C e não está com irritação, não há problema em mantê-la. O que é fundamental é o uso do protetor solar diariamente e investir em muita hidratação, além de limpeza gentil para evitar coceiras e fissuras", completa. Formulações hipoalergênicas, itens da categoria de *clean beauty* e até fórmulas infantis também são boas pedidas.

A seleção a seguir traz conforto à rotina, é segura e contribui para a recuperação de fora para dentro, cuidando também da autoestima. **B**



Hidratante corporal Epidrat Corpo Intensivo, **Mantecorp**, R\$ 119,90; hidratante facial Nutrel Bálsamo Suavizante, **Profuse**, R\$ 87,90; shampoo Limpeza Calmante Dercos Sensi Biotic, **Vichy**, R\$ 121,90; óleo de banho Atoderm, **Bioderma**, R\$ 289,90; shampoo de glicerina, **Johnson's Baby**, R\$ 27,19; hidratante calmante Sensibio Defensivo, **Bioderma**, R\$ 109; protetor solar facial Solar Expertise Efeito Make Up FPS 70, **L'Oréal Paris**, R\$ 59,99; batom vermelho Matte Powerful Red, **Care Natural Beauty**, R\$ 159; blush cremoso 3 em 1, **Kind Beauty**, R\$ 99,90.



Artista da floresta, a cantora comemora o protagonismo da sua Amazônia com a chegada da COP 30, o holofote na sustentabilidade no Brasil em 2025, fala do novo álbum *Rock Doido* e conta que vive o momento mais lindo da vida

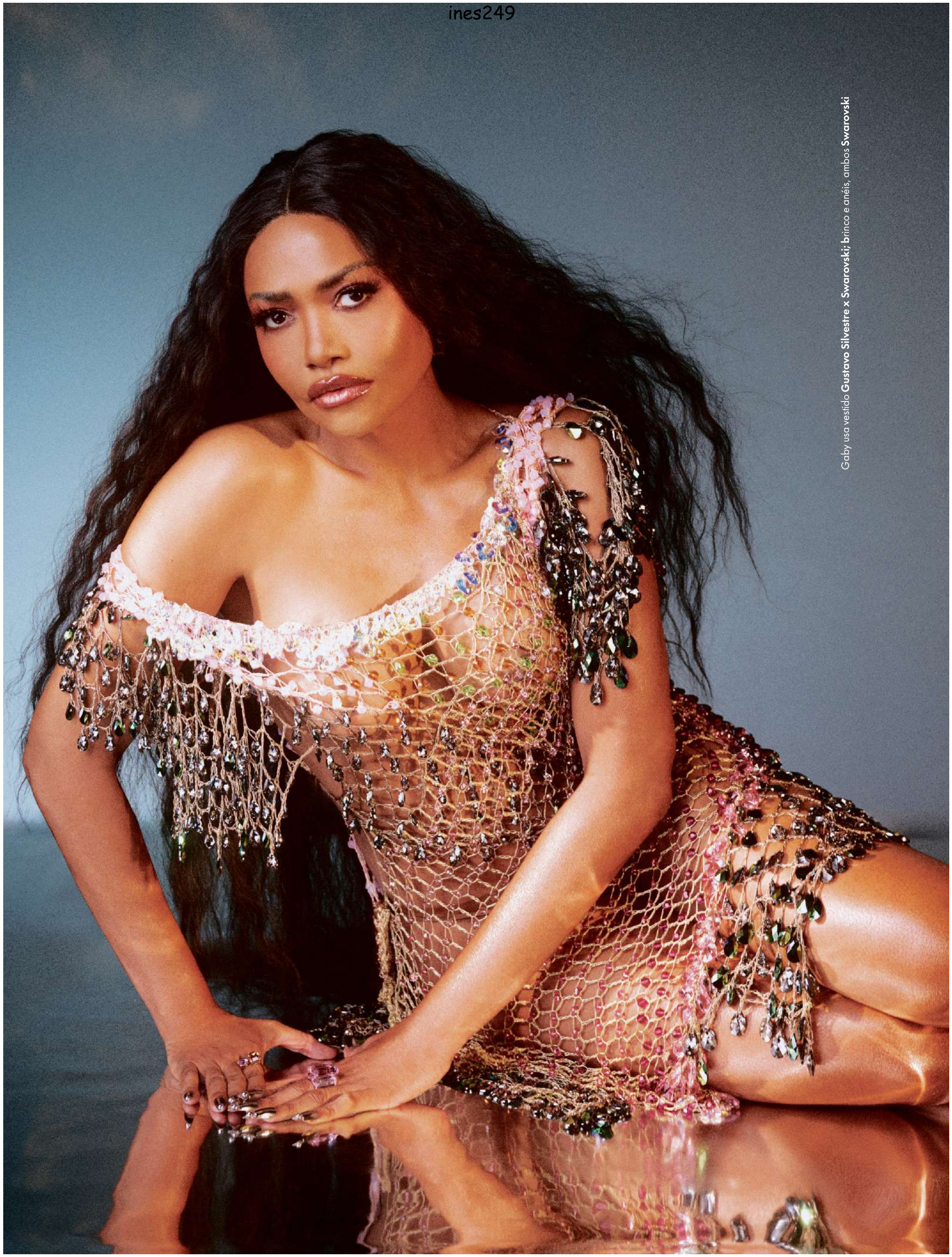
Por **Renata Telles**

Fotos **Thais Vandanezi**

Styling **Bruno Pimentel**

Direção criativa **Lori Baroni Bosio**

Gaby usa vestido Gustavo Silvestre x Swarovski; brinco e anéis, ambos Swarovski



Vestido **Karoline Vitto**; brinco **Betty Brand**; bracelete **YAR**. Na
página ao lado, vestido e sapato, ambos **Ferragamo**



A Amazônia se prepara para falar — e uma das vozes que ecoa do coração da floresta tem nome, ritmo e poder: Gaby Amarantos. Às vésperas da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2025 (COP 30), marcada para acontecer em Belém, sua terra natal, a cantora celebra um dos momentos mais simbólicos de sua trajetória: ver a região e seu povo finalmente ocupando o lugar de protagonistas. "Por muito tempo, a gente viveu invisibilizado... Vai ser uma grande cura", entende. Com 27 anos de carreira, Gaby é mais que uma artista: é força, manifesto e encantamento. Suas obras foram reconhecidas como Patrimônio Cultural e Imaterial do Pará, e ela é uma das responsáveis por colocar o tecnobrega e o tecnomelody no mapa da música brasileira. A paraense usa sua arte como plataforma de representatividade e resistência, seja em iniciativas como Xarque da Gaby e Laje da Naza, seja no novo álbum, *Rock Doido*, cujo filme de 20 minutos, gravado apenas com celular, já ultrapassou um milhão de visualizações. "A Amazônia não é *hype*, a gente veio para ficar." Entre shows, projetos e a participação no Global Citizen Festival, Gaby vive também uma fase pessoal intensa. Está se redescobrando após o fim do casamento de dez anos com o fotógrafo inglês Gareth Jones e uma grande mudança na aparência e na saúde. "Meu emocional está cheio de tesão pela vida."



Como é ver a COP 30 acontecendo em Belém, a sua terra natal?

O Pará se tornou um grande estado canalizador da cultura brasileira. Da castanha aos artistas, da música aos movimentos culturais, tudo floresce aqui. Mas o mais bonito é entender esse movimento como uma grande árvore, cujas raízes se espalham por baixo da terra, conectando e alimentando todas as regiões, especialmente os outros estados do Norte. E para falar de clima e da Amazônia, a mãe de todas as questões, nada mais justo do que estar no coração da floresta. Pensamos no Brasil como o país do futebol e da musicalidade, mas agora vai ser o país da Amazônia. Precisamos inserir o Norte em tudo daqui para frente e daqui para sempre. Porque, por muito tempo, a gente viveu invisibilizado.

Você acha que o brasileiro está finalmente deixando de lado a síndrome do vira-lata?

Sim! Viemos de um governo que demonizava a cultura e colocava artista como bandido. Agora, potencializamos nossa arte, gastronomia, cinema... Tenho certeza de que o evento vai fazer com que cada vez mais o brasileiro tenha orgulho de si. A COP 30 será uma grande sessão de terapia. É se olhar no espelho e, pela primeira vez, gostar do que a gente vê. Vai ser uma grande cura.

Você tem usado a arte como uma forma de representatividade em projetos como Xarque da Gaby e Laje da Naza. Você levou para o palco artistas trans e nomes do tecnobrega que raramente têm visibilidade. Qual foi o impacto desses encontros?

Na Laje da Naza, durante o Círio de Nazaré, tínhamos um público majoritariamente negro de pessoas periféricas. Além de Liniker, Linn da Quebrada e Karol Conka, tivemos artistas do tecnobrega que nunca tinham sido convidadas para o evento. Aliás, nunca uma mulher trans tinha cantado para a Nossa Senhora de Nazaré. Existe uma visão muito errônea de que só quem pode saudar a santa é quem tem um determinado padrão: aquela cantora branca de MPB de véu e vestido. Como se nós, do movimento periférico, não pudéssemos também, com o nosso shortinho jeans e camisetinha, cantar para a nossa mãe. →



Com 27 anos de carreira, como você olha para o caminho que trilhou até agora?

Estamos vivendo um momento de ouro. Enquanto artista da periferia, sou a primeira do meu segmento. Tive que pavimentar a estrada e agora desfilo nela. A Gaby Amarantos acabou se tornando uma plataforma para que outros artistas possam divulgar o seu trabalho. Hoje, o movimento do tecnobrega é comandado por mulheres: Viviane Batidão, Gang do Eletro, Keila, Zainara, Joelma, que abriu muito caminho, Dona Onete, uma mãezona na música para mim... Todas essas mulheres sempre estiveram juntas. Tenho a sensação de dever cumprido.

No seu novo trabalho, *Rock Doido*, você mistura festa popular, cinema e moda. Como nasceu essa ideia?

Estamos sofrendo ataques desde que foi anunciada a COP 30 em Belém, muitas pessoas estão desmerecendo a gente. Escutamos: "Amazônia não tem estrutura, vai passar vergonha." As críticas me incomodaram e me instigaram a produzir algo muito foda. O *Rock Doido* é um manifesto cultural, produzido na periferia e gravado em celular. Todo mundo que participa é de alguma área da arte, da música, da dança, da sonorização, do audiovisual... Queria mostrar o que é uma festa de aparelhagem. Agora o filme está aí, para as pessoas entenderem e mergulharem na cultura do Pará. Recentemente, as plataformas musicais até incluíram o *Rock Doido* como um gênero musical.

Você acha que as redes sociais mudaram a forma como se faz música hoje em dia?

Quando lancei *Ex Mai Love*, meu primeiro hit nacional, era bem mais difícil fazer uma música estourar em todo o País. Atualmente, tudo passa pelas redes sociais... Sempre quis manter uma cabeça muito jovem e aberta. "O que é agora? É dancinha? Qual é a trend? Então, eu vou fazer aqui do meu jeito." Mas mantendo a minha essência. Fiz as pazes com as redes sociais. Passei por um momento *bad*. Sabemos que o algoritmo é racista e tinha uma questão regional que me prejudicava muito, porque só entregava as minhas músicas para o Norte. Furei a bolha.

O álbum *Rock Doido* diz muito sobre a nova Gaby Amarantos?

Sim, porque a antiga Gaby não conseguiria fazer um filme de 22 minutos correndo de um lado para o outro. Emagreci 35 kg para poder ser a artista que sempre sonhei. Pensava: "Como vou fazer isso se eu não consigo nem andar daqui até a esquina? Eu preciso mudar a minha vida." Queria mostrar uma Gaby livre e de bem comigo. Tive a perda recente do meu irmão para a diabetes. É uma história muito triste de alguém que não conseguiu lutar. Me reconectei com a Gaby corajosa do início da carreira, que ficou um tempo paralisada, petrificada e perdida, mas que voltou a pilotar a sua própria embarcação. →

Top **Normando**; pulseira e brinco **YAR para PatBO**; meia-calça **Calzedonia**.
Na página anterior, top e saia **Gloria Coelho**; anéis, brinco e pulseiras, tudo **Nart Studio**



Como foi o momento em que decidiu por essa nova jornada de bem-estar?

Eu tinha muito desejo de entrar numa vida mais saudável e na pandemia eu engordei quase 40 kg. Estava com dificuldade de locomoção, com a saúde bem debilitada e num relacionamento que já não me fazia bem. Falei: "Já deu para mim." Hoje tenho outra cabeça. Sinto que voltei a ser eu mesma. Essa sou eu, a que consegue correr, dançar, cantar por três horas e transar, ficar meia hora lá curtindo. Estou sentindo uma disposição que nem quando eu tinha 20 e poucos anos eu tinha.

O emocional também mudou?

O meu emocional está cheio de tesão pela vida. Não vou ser hipócrita, estou me achando linda, gata, gostosa e forte. Sempre me achei gata, mesmo quando eu tinha o corpo anterior, mas agora tenho a autoestima lá no alto. Não era legal eu não conseguir andar, sentir tantas dores e não ter força para levantar.

A sua relação com a comida melhorou? Porque você enfrentou bulimia por muito tempo...

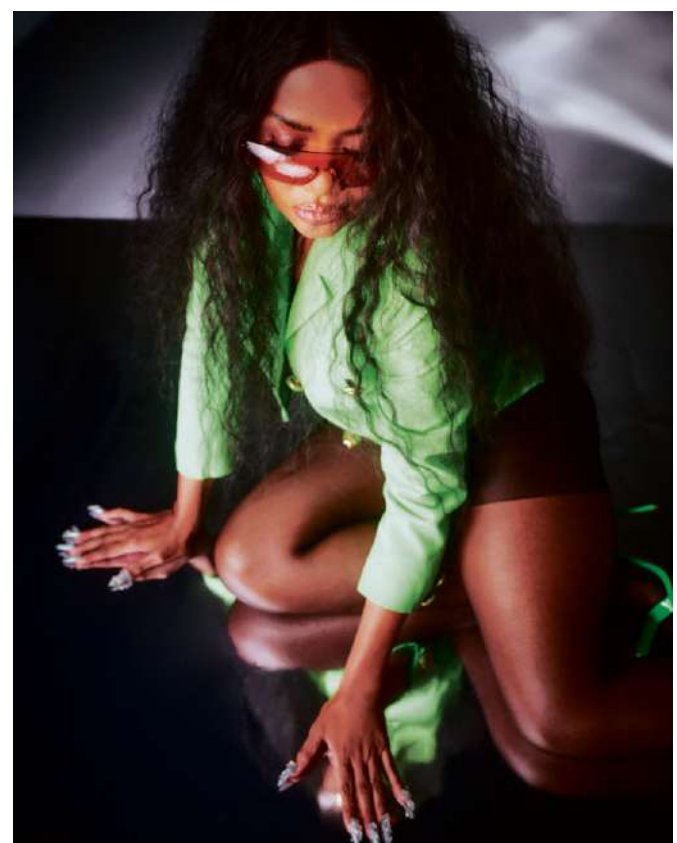
Estou fazendo as pazes. Eu via a comida como punição porque era muito cobrada. "Ah, você não quer que eu coma? Pois eu vou comer." Comecei a criar uma relação muito tóxica com o alimento e, da bulimia, desenvolvi uma compulsão. Também fiz dietas malucas de todos os tipos, e a solução foi buscar ajuda na terapia alimentar. Sou de uma terra que tem uma comida tão maravilhosa, não é possível que eu estava transformando a comida em vilã. Hoje ela virou minha amiga, me nutre e nutre meu corpo.

Já foi chamada de traidora por abandonar uma bandeira?

Não. Não traí nada e nem ninguém. Fiquei muito tempo com medo de fazer essa transformação, porque sabia que tinha um discurso para sustentar, mas depois refleti: não tenho que sustentar discurso nenhum, tenho que sustentar a minha saúde.

Você terminou um casamento de dez anos com o fotógrafo Gareth Jones. Como foi esse momento de transição pessoal?

O maior clichê que eu estou vivendo agora é o de amar a mim mesma. A maturidade é uma coisa incrível. É a fase mais linda da minha vida e isso vem muito do lugar de estar livre, feliz, com a cabeça boa, com a espiritualidade forte, me sentindo poderosa, cheia de encantaria... →



Vestido **Karoline Vitto**; brinco **YAR para PatBO**; anéis **Nart Studio**; bota **Giseli Dias**.
Na página anterior, blazer **Versace** acervo **Alexandre Stefani**; meia-calça **Calzedonia**;
brinco **Nart Studio**; óculos **Bottega Veneta** na **Prestige Eyes**; sandália **Schutz**



A nova fase também trouxe liberdade em relação ao sexo?

Estou me redescobrando nas relações, experimentando coisas novas, principalmente comigo mesma. O corpo é um santuário. No primeiro ano de solteirice, eu estava ali na ativa. Agora estou gostando do celibato. Estou quase uma monja. Não é repressão sexual, porque eu gosto muito de sexo, mas já experimentei tudo isso. "O que vai aflorar se eu não estiver transando durante seis meses?" Agora, quero entender como é o meu corpo quieto.

Mas sem deixar de ter prazer com seu próprio corpo...

Nunca! Meu amor, eu tenho que gozar todo dia, muito. Mas gozo não é só com o orgasmo. Gozo é a satisfação plena de estar viva, de poder cantar, de vibrar por outras mulheres. Então, isso é gozo para mim e eu gozo todo dia.

Como tem sido viver o processo de envelhecer?

Estou bem tranquila com isso, não fico mentindo a idade, não fico nessa prisão. Ser uma mulher da Amazônia me traz um lugar de juventude perene. A gente passa uma banha de tartaruga aqui, tem uns negocinhos que a mamãe ensinou também (risos). Receitinhas da floresta que a gente faz e dá certo.

E os procedimentos estéticos?

Gosto muito de procedimentos menos invasivos. Faço laser, estimulador de colágeno, mas nada que mude a cara. Mas se quiser um dia mudar, tudo bem, não sou contra nada. Tenho o privilégio de ter essa genética afroindígena. Não imprimo uma garotinha de 18 anos, mas imprimo um mulherão. E isso me deixa muito, muito feliz, porque a indústria coloca prazo de validade na gente, principalmente na mulher.

O que vem por aí?

No dia 1º de novembro, participo do Global Citizen Festival: Amazônia [o evento busca alertar o mundo sobre a preservação da floresta e a urgência de ações contra a crise climática]. Vamos reproduzir o *Rock Doido* no palco pela primeira vez. E como esse festival é internacional, teremos a oportunidade de mostrar um pouco da cultura de Belém. É muito legal ter a Anitta, Seu Jorge, Chris Martin [vocalista do Coldplay] no line-up, mas o mais importante é ter o cacique Raoni e a representatividade da música da periferia no palco. Nós, artistas da floresta, somos os protagonistas. A Amazônia não é *hype*, a gente veio para ficar. 

Beleza: Camila Anac. *Nail artist*: Lorena Moura. Set design: Débora Lima. Tratamento de imagem: Romulo Koerich. Coordenação de produção: Octávio Duarte (ODMGT). Produção executiva: Eduarda Heinlik (ODMGT). Assistentes de foto: Vitor Cohen e Flimas. Produtores de moda: Juny Martins e Aline Livra. Assistente de beleza: Joyce Barbosa. Assistentes de arte: Ana Paula Carnielli de Barros e Diego Tercarioli. Camareira: Amanda Câmara. *Catering*: Daniela Batista. Agradecimentos: Estúdio Orth e Projetos Especiais



Macacão **Inhale**; braceletes, brinco e cintos, ambos **YAR**; óculos **Alaia** na **Prestige Eyes**; sandália **Manolita**

ines249





A B S O L U T E



C I N E M A

Em cena, um universo de possibilidades ganha forma ao redor de Valentina Herszage. A versatilidade na dramaturgia, que garantiu a ela o status de fenômeno da nova geração de atores, aparece nas próximas páginas em visuais cinematográficos

Por **Ana Carolina Pinheiro** Direção criativa **Amauri Neto**

Foto **Gustavo Zylbersztajn** Styling **Sanny Elias**





Valentina usa vestido **Rodrigo Evangelista**, shorts **Penha Maia**, meia **Lupo** e sapato **Gahee**.
Na página anterior, blusa **Fendi**, lenço acervo pessoal da stylist. Na primeira página, anel **Swarovski**

Colar Swarovski, vestido Shushu/Tong, colar usado como pulseira Nathalie Edenburg, anel Swarovski, meia Lupo e sapato Boti







Brinco **Jack Vartanian**, colar usado como pulseira **Nathalie Edenburg**, anel **Swarovski**, meia **Lupo**, sapato **Christian Louboutin**. Na página anterior, blusa e saia, ambas **Fendi**, lenço acervo pessoal da stylist

Beleza: Cris Biato. Cenografia: Ricardo Ishihama. Diretor de fotografia: Denys Costa. Produção: Carol Coqueiro. Assistente de moda: Iago Kulesis. Assistentes de fotografia: Anderson Soares e Victor Rocha. Assistente de beleza: Creuza Tolentino. Assistente de direção: Gabriel Borsatto. Assistentes de set design: Isaque Nascimento e Bruno Alves. Camareira: Camila Souza. Agradecimentos: Thiago Bunduky (Way Model)



À MODA DA CASA

O que a moda das ruas conta sobre o *lifestyle* de seus moradores?
As fashionistas Nayra Teodoro, Juliana Santos, Mari Di Pilla e Patricia
Tremblais entregam as tendências que mais traduzem o *street style*
de Nova York, Londres, Milão e Paris Por **Ana Carolina Pinheiro**



Fotos: Launchmetrics Spotlight e Getty Images

NAYRA TEODORO



NOVA YORK

Era para ser uma passada rápida no mercado, quando a produtora de moda Nayra Teodoro se empolgou nas compras e precisou de mais sacolas para levar tudo para casa. O estabelecimento se tratava do Traders Joe's, rede norte-americana de supermercados conhecida por opções saudáveis e orgânicas, e viral no TikTok por conta de suas ecobags. A necessidade fez com que a brasileira comprasse a bolsa, que, desde então, tem feito parte de looks para além das idas ao mercado. "Me pararam na rua oferecendo US\$ 50 dólares por ela", lembra Nayra, que destaca essas bolsas utilitárias como um dos hypes do street style nova-iorquino. "É um movimento de deixar de ostentar uma bolsa cara e, ao mesmo tempo, mostrar uma preocupação com as causas ambientais." O que faz todo sentido com a rotina dos moradores de Manhattan e região, acostumados a passar o dia na rua e resolvendo pendências a pé ou de transporte público e sem terem à disposição as sacolas plásticas — banidas na cidade. Uma variação dessa aposta é a versão da sacola de feira como a alternativa à totebag de couro, por exemplo. Zoë Kravitz e Kylie Jenner foram flagradas com o modelo da The Row, disponível em dois tamanhos e que varia entre US\$ 870 e US\$ 1.350. Bancaria essa roupa-gem mais acessível do *quiet luxury*? →

LONDRES

Andando pelas ruas de Londres, a stylist Ju Santos pescou uma nostalgia no mix de listras, poás e xadrez em diferentes padronagens das fashionistas. "Essa mescla me recorda a era punk da cidade nos anos 1970 e 1980. Atualmente, há uma onda cultural entre os jovens perpetuando essa estética", afirma a profissional. A estilista britânica Vivienne Westwood é um patrimônio local quando o assunto é tartan e pautou seus contemporâneos. "Na minha opinião, ela é quem mais soube misturar xadrez, poás e listras em looks icônicos para bandas e coleções emblemáticas — como não lembrar dos looks desfilados por Naomi em 1993?", destaca Ju. Para quem não tem tanta intimidade com o contraste, uma dica é concentrar o mix em partes do corpo, como uma meia-calça quadriculada sobreposta por uma minissaia de bolinhas, seguindo a mesma paleta ou cores complementares. Ainda na linha discreta, há um caminho de usar a mesma padronagem, mas com proporções distintas. Mas o maior conselho da stylist é brincar com a ousadia: "O que mais funciona é ser ousada, já que essas texturas permitem isso".



MILÃO

"A impressão é que todo mundo está sempre pronto para qualquer ocasião, e a alfaiataria é um instrumento que elas usam para atingir essa certa formalidade", descreve a editora de moda Mari Di Pilla, que tem a cidade italiana como lar há anos. Com uma gama de faculdades renomadas da área, Milão carrega a história da moda em cada esquina, o que aproxima seus moradores do universo de uma forma natural. Para Mari, isso explica o twist por trás da principal tendência das ruas nesta temporada: o protagonismo da camisaria. "O mais interessante é como cada um usou essa peça de forma diferente. Para uma pessoa mais ousada, a proposta é uma camisa oversized com calça, enquanto o look fresco pede uma camisa de pijama presa por dentro da calça", organiza as possibilidades. O jeito de usar a peça-chave que Mari escolheu para chamar de seu é com blazer. "No dia a dia, ele dá um pouco de poder e deixa chique um look básico ou pode ser contraponto para tirar o peso de um visual carregado", pondera, e ainda aconselha a investir em uma modelagem ampla para brincar com essas camadas. →

MARI DI PILLA





PARIS

A trend parisiense chega por Patricia Tremblais em um combo 2 em 1: o *pop of red* com a terceira peça. "Tenho visto direto o suéter vermelho adicionado no look. Às vezes, o item funciona como um acessório mesmo, amarrado na cintura ou no ombro. É uma forma de trazer cor para o visual, principalmente para quem não tem o costume de usar tons vibrantes", explica a editora de moda. A variação de temperatura na Cidade Luz, na visão de Patrícia, justifica a adesão desse truque de styling. "Em um dia aqui, você atravessa as quatro estações, então é uma peça, que, além de ser *statement*, é muito prática. Descendo um pouco na construção do look, encontramos a preferência da cor em meias e sapatos, como mocassim e tênis. "Já estou em busca do meu cardigã vermelho", confessa Pat. ⑥

PATRICIA TREMBLAIS



30 ANOS DE SPFW

Semana de moda passa por transformações culturais e sociais ao longo de três décadas, mas sempre enaltecendo o talento brasileiro

Por **Thalita Peres**

Colaboraram **Ana Carolina Pinheiro, Camila Gomes, Esmeralda Angélica, Malu Pinheiro e Yasmin Rocha**

Histórias não faltam pelos corredores da São Paulo Fashion Week (SPFW). As curvas assinadas pelo arquiteto Oscar Niemeyer, seja na Bienal, que serviu como pano de fundo para diversos anos do evento, quanto no Pavilhão das Culturas Brasileiras (Pacubra), sede oficial das últimas temporadas, fazem parte da memória dos fashionistas. "A moda reflete o mundo. Ela vive os ciclos da sociedade — os tempos de euforia e os tempos de crise", conta Paulo Borges, sócio e fundador da SPFW, à *Glamour*, ao falar do desafio de manter o evento ativo mesmo em meio às instabilidades políticas e à pandemia de covid-19 através dos 30 anos da principal semana de moda nacional.

O que nasceu como Morumbi Fashion Brasil, em 1995, é a responsável por carimbar o nome do Brasil no mapa da moda mundial. "Dividimos a história da SPFW assim: os primeiros dez anos foram para criar cultura de moda no Brasil, mostrar que moda não é só roupa, mas signos, inovação e história, e levar o tema às escolas e ao jornalismo (que, fora revistas especializadas, restringia moda ao caderno feminino). De 2000 a 2013 foi a 'década de ouro': economia aquecida, Brasil desejado, surgimento das supermodelos brasileiras, reconhecidas pelo espírito caloroso. De 2013 até a pandemia, o País viveu crises políticas e monetárias, e a moda reflete a sociedade. Resistimos e seguimos."

O COMEÇO DE TUDO

"Na primeira edição, enviei um fax a 50 jornalistas pedindo as 20 marcas mais importantes. Com as mais citadas, formamos um line-up escolhido pelo mercado. Depois criamos um conselho com nomes como Tufi Duek, Renato Kherlakian, Nelson Alvarenga, Alexandre Herchcovitch, Faúse Hatén, Walter Rodrigues e Gloria Coelho. Mais tarde, passamos a operar com um comitê e 'olheiros' acompanhando marcas ao longo do tempo. O processo é demorado: pode levar de três meses a um ano e meio, depende da trajetória da marca e do planejamento do evento. A SPFW tem um diferencial, é a única semana de moda que entrega a estrutura completa gratuitamente — sala, camarim, som, luz, LED, backstage, imprensa e monitoria. O estilista chega com coleção, casting, beleza, trilha e equipe. Isso viabilizou carreiras que talvez não pudessem arcar com o custo de um desfile."

ERA DAS TOP MODELS

Você imagina Kate Moss e Naomi Campbell mostrando os respectivos gingados na passarela da SPFW? Animale, Triton, Ellus, Colcci e Adriana Degreas prometiam os desfiles mais concorridos por conta das presenças badaladas. Além delas, nomes como Karlie Kloss, Adriana Lima, Rosie Huntington-Whiteley, Paris Hilton, Izabel Goulart, Alessandra Ambrosio, Candice Swanepoel, Eva Herzigova e Shirley Mallmann, assim como Gisele Bündchen, escoltada por seguranças enquanto carregava no colo a cadelinha Vida, são apenas alguns dos nomes dos tempos dourados da semana de moda.

Zé Macedo, hoje empresário de Lea T e Ambrosio, contou dos perrengues ao lado das modelos quando trabalhava como relações públicas. "Você precisa lidar com imprevisto. É o assédio dos fãs, da imprensa. Tem uma história durante um bastidor de São Paulo Fashion Week, em que uma modelo me perguntou: 'Você tem absorvente?' e eu travei na hora. Ali entendi que precisava estar disponível para resolver problemas e lidar com imprevistos, como passar creme na perna da Alessandra antes de entrar na passarela."





DESFILE-MANIFESTO

Alexandre Herchcovitch, Cavallera, Ellus e Marcelo Sommer são alguns dos responsáveis por levar os desfiles de moda para locações externas, como o metrô de São Paulo, a Rua Augusta e um ferro-velho. Mas se tem uma apresentação que ainda dá o que falar e que é estudada nas faculdades de moda e arte do Brasil é a de Jum Nakao. "Em 2004, realizei meu último desfile na SPFW: o Desfile de Papel. Foi um manifesto falando sobre tudo aquilo que havíamos construído de saberes, de mão de obra, de estrutura — que estavam se dissolvendo — e que estavam sendo trocados por fast fashion, por produtos sem todo o amor, sem toda a condensação de saberes, enfim, sem propósito."

Vinte anos depois, Jum lembrou os momentos que antecederam e as memórias inesquecíveis da apresentação à *Glamour*. "Foram mais de 700 horas de trabalho, quase uma tonelada de papel. Reuni os melhores profissionais para colocarem todos os saberes, dar vida a algo em branco — uma folha de papel — e transformamos em uma coleção que foi uma verdadeira fábula. Ao final, foi toda rasgada, literalmente, para que as pessoas percebessem que estavam trocando tudo isso e, ao mesmo tempo, o quanto era capaz de trazer encantamento."

DIVERSIDADE

Apontado por anos como um evento elitista, a SPFW recebeu o Projeto Sankofa, criado pelo movimento Pretos na Moda em parceria com a startup VAMO [Vetor Afro-Indígena na Moda], e que integrou marcas independentes de designers racializados ao calendário. Nomes como Rafael Silvério [também um dos fundadores do projeto, ao lado da modelo Natasha Soares], Meninos Rei, Ateliê Mão de Mãe, AZ Marias e Santa Resistência ganharam holofote a partir da ideia e seguem no line-up até hoje. "Na passarela, é obrigatório que metade do casting do desfile seja negra. Antes, tínhamos uma 'cota' de 20% de modelos negras — em um casting de 20 meninas, só quatro! O Brasil é diverso e a passarela precisa refletir isso. A diversidade de corpos, porém, recuou. Aquela expansão dos corpos reais que vimos há alguns anos diminuiu. O importante é que as modelos sejam saudáveis — física e emocionalmente", analisa Bill Macintyre, um dos diretores de casting e desfiles mais conhecidos da moda nacional.



NOVA GERAÇÃO

Apontada como um dos maiores expoentes da nova geração de criadores, a dupla Hisan Silva e Pedro Batalha, da Dendezeiro, é uma das mais esperadas no line-up atual da São Paulo Fashion Week e sempre deixa os convidados presentes na sala de desfile emocionados devido ao poder criativo — o que falar da saia de tapeçaria desfida por Majur e usada por Gaby? — e pela representativa em cena. "O momento do desfile é o mais assustador. O processo criativo é muito íntimo e, quando colocamos isso no mundo, parece que estamos expondo nossa intimidade num telão. Quando sabemos que nosso desfile foi um dos mais assistidos, é surreal. Dá nervoso, mas é uma alegria enorme ver que o público entende nosso propósito. A Dendezeiro é sobre mais do que vender roupa, é sobre criar comunidade e acolhimento."



E O FUTURO, PAULO?

"O futuro se constrói no presente. Projetar a cinco anos já é ousado, dado o ritmo tecnológico e geopolítico. O que nos move é escolher pessoas e causas certas. Estamos retomando temas que trabalhamos desde 2006, como moda sustentável — agora sob a lente do ESG, com foco em transparência, baixo impacto, cultura e território. O Brasil tem seis biomas riquíssimos, isso é potência criativa. Acreditamos em uma moda de protagonismo coletivo, em diálogo com ciência, educação e cultura, e em uma dinâmica de varejo mais diversa (marcas digitais, ateliês, formatos híbridos). Falar menos com o mundo e mais com comunidades que se conectam com a sua narrativa." 



LIFE STYLE

VOY A LLEVARTE PA PR

Entre praias caribenhas,
muralhas coloniais e noites
de perreo, viajamos à Isla
del Encanto para entender
o orgulho boricua que
Bad Bunny levou ao mundo
Por **Malu Pinheiro**





Nos últimos anos, nenhum nome levou tão longe a cultura porto-riquenha e latina quanto Bad Bunny. Benito Antonio Martínez Ocasio, criado em Vega Baja, transformou-se em ícone global ao combinar carisma pop com discurso político. Seu álbum-manifesto *Debí Tirar Más Fotos* (2025) bateu recorde de indicações ao Grammy Latino, e sua residência histórica *No Me Quiero Ir de Aquí* — com 31 shows no Coliseo de San Juan — injetou mais de US\$ 180 milhões na economia local. Em 2026, ele será atração principal do intervalo do Super Bowl, consolidando Porto Rico não apenas como berço do reggaeton, mas como um verdadeiro epicentro cultural em ebulição.

Por trás desse sucesso, porém, há um território em suspenso. Porto Rico pertence aos Estados Unidos desde 1898, mas permanece em um limbo geopolítico: não é um país independente, tampouco um estado americano. Seus habitantes são cidadãos dos EUA, mas não votam para presidente e vivem há décadas em um debate sem fim sobre independência, anexação plena ou a manutenção da relação atual.

Entre muralhas coloniais e praias de cartão-postal, a identidade porto-riquenha pulsa em cada esquina. Séculos de resistência e orgulho coletivo encontraram, nos últimos anos, um amplificador inesperado: Benito. Nós fomos até lá para ver com os nossos próprios olhos e entregar todas as dicas, claro!

SAN JUAN: HISTÓRIA, LATINIDADE E NOITES VIBRANTES



Capital de Porto Rico e maior cidade da ilha, San Juan é o ponto de partida da viagem. Fundada em 1521, guarda parte importante da colonização espanhola nas Américas e é cercada por muralhas que ainda hoje emolduram o centro histórico, o Viejo San Juan. Ruas de pedra, casinhas coloridas e praças arborizadas formam um cenário que mistura herança colonial e espírito caribenho.

Entre os principais cartões-postais, estão a Catedral de San Juan Bautista, uma das mais antigas das Américas, a Puerta de San Juan, porta vermelha que por séculos foi a entrada da cidade murada, e o Castillo San Felipe del Morro, fortificação do século 16 que oferece vistas impressionantes do pôr do sol sobre o mar.

À noite, a cidade ganha novas camadas: a char-

mosa Calle San Sebastián reúne bares animados, enquanto o lendário La Factoría — entre os 50 melhores bares do mundo — é parada obrigatória para quem busca drinks premiados e salsa no salão principal. Fora do centro histórico, o bairro Santurce completa a cena: de dia, é polo de arte urbana, com murais espalhados; à noite, a Placita de Santurce vira uma festa a céu aberto, onde DJs misturam reggaeton, salsa e batidas de bomba. É ali que o perreo, estilo de dança intimamente ligado ao reggaeton, toma conta das ruas, traduzindo em corpo a energia de resistência e liberdade que move a cultura porto-riquenha. É também em San Juan que está o Coliseo de Puerto Rico, ou simplesmente El Choli, palco da residência de Bad Bunny que virou marco cultural.

Para se hospedar, o Palacio Provincial Hotel é uma escolha à altura da cidade. Instalado em um edifício histórico do início do século 19, que já teve papel diplomático, o hotel-butique foi restaurado para preservar sua elegância colonial. Hoje, combina tradição e modernidade em detalhes como a piscina na cobertura, com vistas para a Baía de San Juan, e o restaurante no pátio central, onde a atmosfera histórica encontra o conforto contemporâneo.

LESTE DA ILHA: LUQUILLO, EL YUNQUE E CULEBRA

A menos de uma hora de carro da capital, a região leste combina floresta tropical e praias paradisíacas. Um dos destaques são os Kioskos de Luquillo, fileira de quiosques à beira da estrada onde se provam delícias típicas. Entre elas está o mofongo, prato emblemático feito de banana verde frita e amassada com alho, servido como acompanhamento de carnes, frutos do mar ou vegetais.

É também nessa região que está o El Yunque, a única floresta tropical do sistema de parques nacionais dos Estados Unidos. Entre cachoeiras como La Coca e Juan Diego Falls, trilhas pavimentadas que levam a miradouros como a Mount Britton Tower e uma vegetação exuberante, a visita é um mergulho na biodiversidade da ilha.

Em Luquillo, a hospedagem no Fairfield by Marriott funciona como excelente base não só para explorar o próprio balneário e o entorno imediato, mas também para quem deseja se aventurar nas ilhas próximas. Com acesso rápido a Ceiba, ponto de partida dos ferries, o hotel garante comodidade para quem planeja encaixar Culebra ou Vieques no roteiro.

As duas ilhas mais famosas do leste são Vieques e Culebra. Nós optamos por Culebra, a pouco mais de uma hora de ferry partindo de Ceiba, próxima a Luquillo. A travessia compensa: a Playa Flamenco, eleita →



1. Assistimos ao último dos 31 shows esgotados de Bad Bunny no Coliseo de San Juan; 2. Um dia já foi proibido exibir a bandeira de Porto Rico. Hoje, o orgulho boricua está em cada esquina; 3. San Juan é cercada por muralhas que emolduram o centro histórico da cidade; 4. Culebra tem praias de tirar o fôlego — como a Zoni, que aparece aqui



5. A Playa Flamenco, em Culebra, já foi eleita uma das praias mais bonitas do mundo; 6. Isabela é destino certo para o surfe, com praias perfeitas como a Jobos Beach; 7. Mar Chiquita é uma das praias mais bonitas que já conheci – vista de cima, lembra o formato de uma concha; 8. Com águas cristalinas, Cayo Caracoles é o grande destaque de La Parguera; 9. Os galos são quase um cartão-postal de Porto Rico e estão por toda parte (literalmente)

entre as mais bonitas do mundo, impressiona com sua areia branca e tanques enferrujados da Segunda Guerra. Outras paradas imperdíveis são a Playa Tamarindo, onde é possível nadar com tartarugas marinhas, e a Playa Melones, excelente para snorkel no fim da tarde. O pôr do sol, refletindo nos tons azul-turquesa do mar, fecha o passeio em grande estilo.

NOROESTE: ENSEADAS, SURFE E MÚSICA

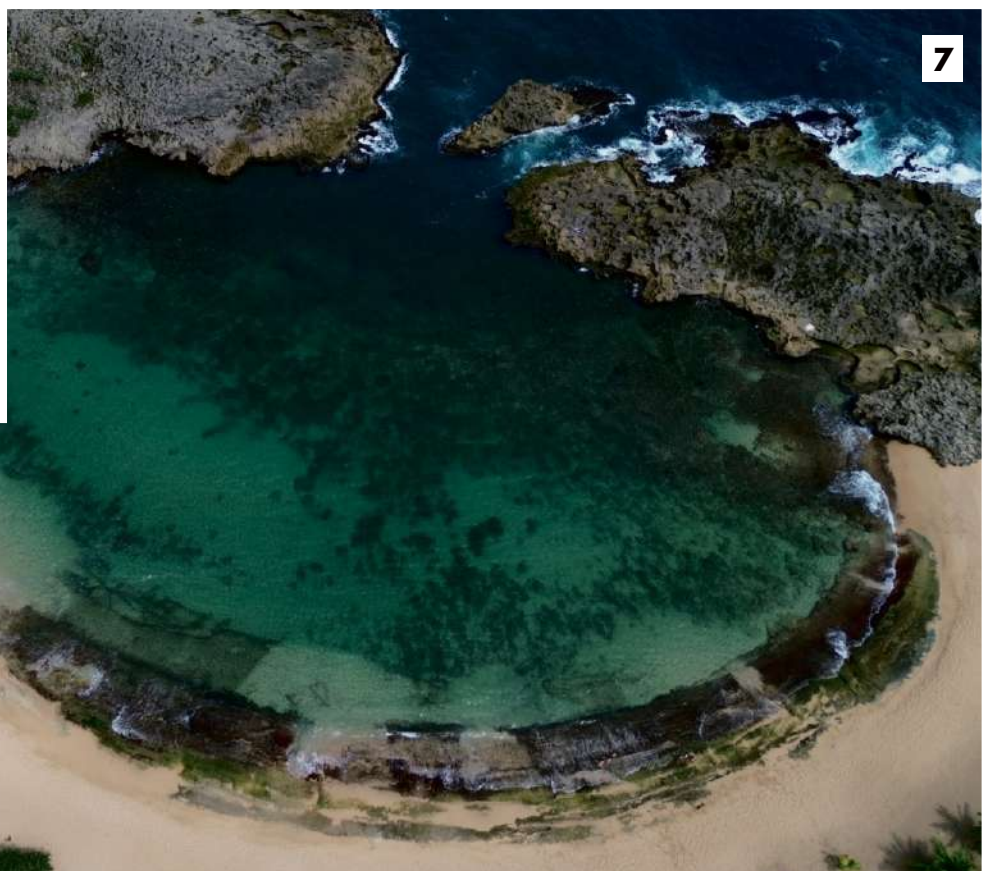
Seguindo rumo ao noroeste, a paisagem muda. Em Manatí, a Mar Chiquita forma uma enseada em formato de concha, protegida por rochas que desenham um dos cenários mais fotogênicos da ilha.

Mais adiante está Isabela, destino conhecido pelas praias de surfistas e pela forte ligação cultural com a música. É aqui que fica o Pozo de Jacinto, uma formação natural cercada de lendas locais: conta-se que um camponês chamado Jacinto pastoreava cabras na região quando uma delas caiu no buraco. Ao tentar resgatá-la, também despencou e morreu afogado. Até hoje, moradores afirmam que, ao gritar o nome de Jacinto perto do poço, o mar responde com ondas violentas — uma história que mistura mito, superstição e identidade popular. Essa tradição foi ressignificada por Bad Bunny na faixa “Weltita”, parceria com a banda porto-riquenha Chuwi, que também é de Isabela. Eles misturam reggaeton e ritmos locais, representando uma cena independente efervescente que Benito faz questão de amplificar ao incluir em seu repertório. Na Jobos Beach, surfistas dividem espaço com famílias e bares pé na areia, sempre embalados por reggaeton no som ambiente.

No fim da tarde, a parada é em Rincón, vila charmosa no extremo oeste. Famosa entre surfistas, oferece pores do sol inesquecíveis no Faro de Punta Higüero, onde, em dias claros, é possível avistar até a costa da República Dominicana.

SUL E SUDOESTE: CABO ROJO E LA PARGUERA

Do outro lado da ilha, no extremo sul, está Cabo Rojo, um dos cartões-postais de Porto Rico. O Farol Los Morrillos, do século 19, oferece vistas panorâmicas das falésias e da vizinha Playa Sucia, considerada uma





das mais belas do país. Na mesma região, as Salinas de Cabo Rojo tingem a paisagem de tons rosados, criando um contraste único com o azul do mar.

Já a vila de pescadores La Parguera guarda outro tesouro natural: os cayos, pequenas ilhotas cercadas por águas rasas e cristalinas que parecem piscinas naturais em meio ao Caribe. O mais famoso é o Cayo Caracoles, ponto de encontro para quem busca nadar em águas calmas e transparentes. O acesso pode ser feito de barco-táxi, caiaque ou stand-up paddle.

À noite, La Parguera reserva uma das experiências mais mágicas da viagem: o passeio pela baía bioluminescente, onde milhões de micro-organismos emitem luz azulada a cada movimento na água. O fenômeno é raro — existem apenas cinco baías desse tipo no mundo, e Porto Rico abriga três delas. A empresa local Paradise Scuba & Snorkeling, referência na região, organiza tours em grupos pequenos, guiados por moradores que conhecem cada detalhe das águas do sul da ilha. É uma operação familiar que combina acolhimento com profissionalismo, tornando a experiência não só segura, mas também inesquecível.

Para se hospedar, o Parguera Plaza Hotel é a escolha para quem busca mergulhar no clima local. Único hotel adults only da região, ele combina o charme da vila com uma proposta vibrante: eventos diurnos na piscina, festas noturnas com música ao vivo e localização estratégica para explorar os cayos durante o dia e aproveitar a vida noturna quando o sol se põe.

Uma semana pode parecer pouco para explorar Porto Rico, mas é tempo suficiente para sentir de perto o amor e o orgulho que movem sua gente. A ilha se revela em múltiplas camadas e vibra em latinidade e resistência — traços que estão no cotidiano dos porto-riquenhos e nas letras de seu filho mais ilustre, Bad Bunny.

Não é exagero colocá-lo como um dos maiores artistas de sua geração: nos últimos anos, nenhum outro cantor figurou de forma tão consistente entre os cinco mais ouvidos do mundo. Mais que números, Benito fez da carreira um manifesto: exaltou a cultura boricua, reafirmou a identidade latina e mostrou por que sua terra é motivo de tanto orgulho.

Conhecida como a Isla del Encanto, Porto Rico conquista pelo contraste entre simplicidade e intensidade — das ruas coloridas de San Juan às trilhas de El Yunque, do snorkel em Culebra às noites de perreo em Santurce, cada experiência traduz um pouco desse ritmo que mistura salsa, bomba, reggaeton e memória coletiva. Afinal, se Benito fez questão de mostrar ao mundo que não quer sair de sua ilha, a experiência de Porto Rico prova: este é um lugar que não se deixa esquecer. ⑩



HERDEIRAS DE SAFO

Mais do que uma identidade, a cultura sáfica é a representação de vivências, resistências e afetos de mulheres que amam mulheres. Conheça a origem do termo, sua importância e como se encontra o cenário hoje

Por **Nívia Passos**

Quem é ativo nas redes sociais já deve ter se deparado com a expressão "sáfica", que tem ganhado cada vez mais espaço em conteúdos, rodas de conversa e, especialmente, na arte. Mas você sabe o que significa o termo? A primeira informação importante é que ele não surgiu agora. A origem remonta à Grécia Antiga, por volta do século 7 a.C, com a poetisa Safo de Lesbos. Conhecida por seus poemas sobre amor entre mulheres, ela se tornou símbolo de uma cultura que foi invisibilizada e silenciada por muito tempo — e que, recentemente, tem ganhado protagonismo.

É com base na história, então, que vem o termo que se refere ao universo que envolve mulheres que se relacionam com outras mulheres — o que inclui lésbicas, bissexuais, pansexuais, não binárias e outras identidades que compartilham experiências parecidas. No entanto, ainda que seja uma maneira de se referir a todo esse grupo, a escritora Natalia Borges Polezzo, uma das referências quando se fala no tema, reforça a importância de não deixar de nomear as existências que fazem parte do universo para que estas não sejam invisibilizadas. "Quando falo de literatura, sempre nomeio as existências que gostaria que estivessem contidas ali. A palavra 'sáfica' é usada como um termo guarda-chuva, mas acho que mascara a palavra 'lésbica' por ser mais palatável", pondera.

Autora de livros como *Amora* (Editora Dublinense, 2015), vencedor da categoria "Contos e Crônicas" no Prêmio Jabuti de 2016, e *Controle* (Companhia das Letras, 2019), Natalia também destaca a importância de trazer narrativas que vão além do amor romântico e da questão de gênero e sexualidade. "Essa questão é sempre pensada por mim como um atravessamento, não como algo que vai se estabelecer unicamente. E, ao refletir sobre isso, crio outras complexidades. Penso nas implicações de estar no mundo, não só na relação romântica, mas em todas que a gente cria", explica, acrescentando um dos seus principais objetivos. "As minhas personagens buscam trazer essas pessoas, como eu, para a prosa literária."

A INSPIRAÇÃO PARA NOVAS ESCRITORAS

E é esse cuidado na hora de criar as personagens e histórias que faz de Natalia Borges Polezzo uma das principais referências para muitas leitoras, especialmente aquelas que também decidiram seguir o caminho da escrita, caso de Pamela Leme, que acaba de lançar, de forma independente, seu primeiro livro, *Clarissa*. Enquanto a primeira conta que, há alguns anos, não era fácil encontrar o que, hoje, nomeiam como literatura sáfica, ela cita a própria escritora como uma de suas inspirações. "Algumas autoras são fundamentais para me inspirar nesse universo, seja pela força da narrativa, pela coragem, pela sensibilidade, pelo cuidado com o afeto e o desejo entre mulheres. Um marco para mim foi o livro de contos *Amora*, da Natalia Borges, minha primeira experiência com contos sáficos, que permanece como uma referência central", diz.

Entre outras artistas, que vão da poetisa americana do século 19, Emily Dickinson, à cantora Hayley Kiyoko com seu icônico videoclipe "Girls", a escritora também destaca Elayne Baeta e Ryane Leão entre suas grandes referências no meio. "Com seu primeiro romance, *O Amor não É Óbvio*, Elayne Baeta me inspirou de diversas formas. E com todas as suas obras que vieram na sequência também. Já Ryane Leão é minha poeta favorita. Me inspira por ser uma mulher lésbica no meio literário, com uma potência absurda em tudo o que escreve, declama e produz."

Em seu primeiro conto, baseado em uma experiência real que viveu, Pamela trouxe essas referências que acumulou ao longo do caminho à atenção necessária para criar personagens complexas. Além de equilibrar realidade e ficção para não expor ninguém, revela que teve a preocupação de descrever trocas reais. "Nada do que criei é extraordinário, apenas aquilo que acontece quando a gente se entrega de verdade, para que atravessasse a história e trouxesse autenticidade e profundidade", resume. →

Foto: Bruna Castanheira/ Arquivo Glamour

"Escrever sobre desejo entre mulheres no Brasil é

um ato de coragem e celebração"

-PAMELA LEME

NAS TELAS

Não é só o mercado editorial que tem voltado os olhos para a cultura sáfica, dando espaço para uma nova geração de autoras que focam nas narrativas desse universo. No audiovisual, depois de uma onda de produções problematizadas pela fetichização do amor entre mulheres — como é o caso do francês *Azul É a Cor Mais Quente* (2013), do diretor Abdellatif Kechiche — ou da invisibilização do relacionamento afetivo entre elas, novas tramas têm ganhado espaço, como comenta a cineasta Juh Almeida. "Vejo uma transformação que transita entre a visibilidade tardia e a urgência do afeto autêntico. Hoje, há uma insistência e insurgência em mostrar não só o beijo ou o toque, mas o cotidiano, o desarranjo, o querer e o silêncio. Há mais espaço para esse amor respirar, errar, ser contraditório. Esse afeto evoluiu de algo político silenciado para algo político orgânico."

Diretora de produções como *Mãe Pode Ser Duas*, longa-documentário que entrou para os projetos selecionados do DOCSF 2025, ela não deixa de apontar que, apesar dos avanços, os obstáculos que produções sáficas enfrentaram ao longo do caminho e ainda encaram hoje, como pressões institucionais e o que chama de censura invisível. "Desde financiamentos públicos que condicionam o que deve ser aceitável até canais de distribuição que têm medo de reação de público conservador, há sempre a negociação do quão longe ir", revela.

Ao pensar as narrativas, assim como as escritoras, Juh também reforça a importância de não levar a história para clichês, fetichização, exotismo e representação superficial — cuidado que deve ser ainda maior quando se cruzam raça, classe, origem, gênero e identidade. Por se tratar de cinema, onde o afeto também é representado por meio de imagens, a escolha estética também ganha um peso importante, e a cineasta explica as escolhas da sua linguagem queer de resistência. "Fragmentações, sobreposições de memória, espaços que desafiam o clean da heteronormatividade, temporalidades que se misturam, ritmos que escapam do padrão narrativo convencional, em favor de pausas,

respirações, reinvenções. Racialmente, procuro incorporar a negritude não só como traço físico, mas como matriz estética, pele, cabelo, ancestralidade, cultura material, dresings, joias, expressão corporal, e tudo que dialoga com afeto lésbico para manter a estética dentro do recorte", define.

UM OLHAR PARA O FUTURO

Ainda é preciso avançar para que a cultura sáfica não se resuma a uma conversa de nicho ou não dê a visibilidade necessária às múltiplas existências que a compõem. "O mercado editorial brasileiro tem começado a olhar mais para essas tramas, embora ainda haja um longo caminho a percorrer. Existem muitas histórias incríveis sendo produzidas, mas que nem sempre chegam ao público da forma que merecem. Eu mesma tenho feito meu livro acontecer de forma totalmente independente", pontua Pamela Leme. A escritora não deixa de celebrar a importância de sua conquista, que vai além de uma realização pessoal. "Escrever sobre desejo entre mulheres no Brasil é, para mim, um ato de coragem e celebração. Lançar *Clarissa* nesse momento é emocionante. Sinto que estou contribuindo para que nossas vozes continuem sendo ouvidas, celebradas e sentidas por quem também se reconhece nelas."

Juh Almeida levanta a importância de levar o tema para telenovelas, séries mainstream, música e publicidade. "Inserir o afeto sáfico de forma orgânica, sem ser tokenista, desconstruindo ódio e preconceito ao mostrar afetos saudáveis, complexos, belos, imperfeitos." Com tudo isso, ao pensar sobre o futuro, ela conta que espera ver a cultura sáfica se entrelaçando com outras lutas no audiovisual, como a racial, de gênero e de classe, além de alimentar o sonho de ver essas existências como protagonistas sem o peso do exemplo ou foco na representatividade. "Que possam simplesmente existir, amar, errar, crescer, sem precisar justificar. Fora das telas, nas ruas, nas comunidades, na educação, espero que o afeto lésbico encontre seu lugar de arte viva e memória compartilhada", finaliza. ①

"Espero que o afeto lésbico

encontre seu lugar

de arte viva e memória compartilhada"

-JUH ALMEIDA



UTOPIA

No Projeto Ibiti, em Minas Gerais,
a conservação ambiental e a regeneração
socioeconômica se aliam ao turismo de
baixo impacto Por **Mari Campos**

POSSÍVEL



"Bem-vindos à utopia possível." É assim, com essa frase talhada em uma sinalização de madeira, que o hóspede é recebido na entrada principal do Ibiti, em Minas Gerais. Sonho pessoal do empresário Renato Machado, o projeto teve sua primeira semente plantada ainda nos anos 1980, quando chegou aos arredores do Parque Estadual do Ibitipoca e começou a pensar em proteger aquele território incrível.

Ao longo dessas décadas, Renato foi comprando distintas parcelas de terra na região, que hoje somam mais de 6.000 hectares e compõem o Projeto Ibiti. Durante esse período, foi também testando novas formas de preservação e regeneração do local.

A iniciativa de *rewilding* (forma de conservação ambiental que restaura processos naturais para aumentar a biodiversidade, criar ambientes autossustentáveis e mitigar os efeitos das mudanças climáticas) já foi conhecida como Reserva do Ibitipoca e Comuna do Ibitipoca, antes de adotar a versão mais curta do nome.

Cada braço do projeto (Ibiti Engenho Lodge, Ibiti Village, Gaia Produtos Ecológicos, Life School, Bike House, etc.) foi transformado em um empreendimento independente, tocado por um gestor diferente. Assim, conseguiu equacionar de maneira mais equilibrada a relação entre proteção ambiental, geração e distribuição de renda na comunidade local, com o turismo como parte essencial disso.

O Ibiti ficou famoso nas redes sociais em grande parte graças às sete gigantes esculturas My Big Family que decidiu acolher ali. Com estruturas que chegam a 6 toneladas e 9 metros de altura, foram feitas em metal reciclado pela artista plástica norte-americana Karen Cusolito para o Burning Man.

Após o festival, Renato achou que o Ibiti seria o local perfeito para recebê-las, com as obras de arte se fundindo à natureza selvagem do local ao longo do tempo. Karen foi ver o Ibiti de perto e concordou com a ideia. Hoje, ver essas gigantes fascinantes de pertinho, com a vegetação já enroscada nas estruturas metálicas, segue sendo privilégio exclusivo dos hóspedes — mas o projeto vai muito além delas.

MULHERES NA LIDERANÇA

Mais que *rewilding*, o Ibiti propõe um modelo de turismo regenerativo de baixo impacto, que apoia socioeconomicamente as comunidades locais, refloresta e conserva o território e sua fauna — com muitas mulheres liderando essa jornada.

Claudia Baumgratz é uma delas e sabe como poucos unir a boa hospitalidade com o turismo regenerativo. "É impossível falar em regeneração sem falar do ser humano. As pessoas são sempre o meu foco", diz. Natural da pequena Lima Duarte, município mineiro do qual o Ibiti faz parte, Claudia chegou para trabalhar com a parte financeira ainda em 2011, mas logo assumiu a gerência-geral e aprendeu a fazer um pouco de tudo, da administração de obras e roças ao controle de incêndios. Hoje é a responsável pela impecável hospitalidade do Ibiti Engenho Lodge. →



Foi justamente nesse casarão de charme colonial com apenas oito suítes (que sintetizam o encontro perfeito do luxo com a hospitalidade mineira) que, em 2008, o Ibiti entendeu que poderia ser um destino turístico de primeira linha como parte de seu projeto de preservação.

Ali, Claudia e sua equipe afinada, composta majoritariamente por mulheres, criam set-ups com vistas incríveis para o café da manhã (de frente para um lago, debaixo de uma árvore centenária, em um deck sobre as águas...) e oferecem a gastronomia mais caprichada do projeto (as diárias incluem café, almoço, café da tarde, jantar e passeios guiados). O lodge tem ainda spa, sauna e jacuzzi ao ar livre.

É dessa vertente, aliás, que saiu um dos braços mais empolgantes do Ibiti: o Meninas do Engenho, idealizado por Marília Souza. "O projeto nasceu de um tantinho de coisa boa junta: a vontade de dar novo sentido para os alimentos que sobravam na cozinha e de, evitando o desperdício, ajudar as meninas que trabalham nos bastidores, que muitas vezes os hóspedes nem veem, mas fazem tudo acontecer", explica Marília. Assim, vários itens da cozinha do Engenho Lodge com gostinho do interior de Minas passaram a ser vendidos aos viajantes interessados, gerando uma bem-vinda renda extra para as funcionárias.

COLABORAÇÃO FEMININA E LOCAL

Raquel Pazos é outro exemplo importante da força feminina no Ibiti. Hoje diretora de governança do projeto, chegou em 2006 com a missão de criar uma proposta revolucionária de hospedagem que tivesse 100% de colaboradores locais, com consumo local e incentivo à economia regional. "Boa comunicação e ações que criem laços afetivos fortalecem a equipe e nossa busca pela excelência. E, em geral, mulheres são boas nisso", diz Raquel.

Heliane Machado é gestora da Life School, escola bilíngue implantada no Ibiti Village com a transversalidade como protagonista da grade curricular. Norteando as práticas pedagógicas na reconexão entre ser humano e natureza, Heliane prioriza o atendimento às crianças da comunidade, mas também recebe hóspedes de até 12 anos para experiências temporárias.

Sustentável de ponta a ponta, o Ibiti utiliza veículos elétricos, produz energia renovável, tem seu próprio centro de reciclagem e composta todos os resíduos orgânicos. E tem ainda uma produção agrícola de respeito na GAIA, outro braço do projeto, que cultiva desde temperos, vegetais e verduras (que

abastecem os restaurantes) a um café de excelente qualidade (que começa a ser vendido a outros mercados).

No dia a dia dos hóspedes, há trilhas pelas montanhas, passeios em bicicleta, cavalgadas, banho de rio ou nas piscinas naturais, stand-up paddle nas praias rodeadas por areia misturada a quartzito, caiaque no lago – e a caprichada cozinha baseada em insumos locais, é claro.

Além do Ibiti Engenho Lodge, o projeto tem outras propostas de hospedagem. Há três casas privativas, em áreas bem reservadas da reserva, batizadas de Ibiti Remote. Com acesso mais complexo, e grande sensação de isolamento, são destinadas a quem quer curtir dias realmente desconectado e imerso na natureza.

O Ibiti Village é para quem quer experimentar viver em um minúsculo vilarejo de terra batida com poucas dezenas de moradores. O simpático Mogol mantém algumas das casas do antigo vilarejo original, que estava então quase fantasma, a ponto de ser abandonado. Estão ali também a igreja, o posto médico e a escola.

As casas antigas foram reformadas e outras foram construídas. Surgiram novos moradores e 11 lindas acomodações turísticas cheias de conforto, cada uma decorada de acordo com um tema diferente – como uma inteiramente dedicada ao escritor Guimarães Rosa. O Ibiti Village tem também ainda um ótimo restaurante vegetariano, café, loja de souvenir, cinema e uma deliciosa sala com piano Steinway de jacarandá da Bahia para concertos musicais.

A grande novidade deste ano é que o Ibiti inaugurou um novo modelo de hospitalidade: a primeira de suas casas de vidro completamente automatizadas, de arquitetura quase futurística, com vistas arrebatadoras para toda a reserva a partir de todos os cômodos. Mais uma prova de que toda obra, assim como o ser humano e a natureza, está sempre em constante transformação. Ainda bem.

Como chegar: o Projeto Ibiti está localizado a aproximadamente 20 km da cidade de Lima Duarte, MG, e o aeroporto mais próximo é o Zona da Mata/Juiz de Fora (IZA), distante cerca de duas horas de carro até a entrada da reserva. ⓘ



Conheça
#UMSÓPLANETA –
o maior movimento
editorial brasileiro sobre
sustentabilidade. Acesse
umsoplaneta.globo.com

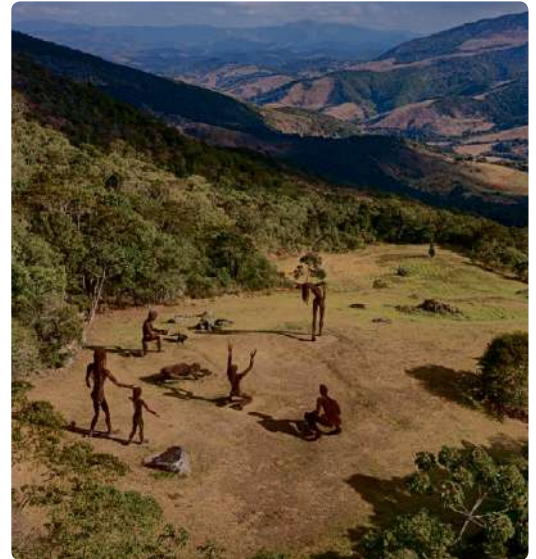




"É impossível

falar em regeneração

sem falar



do ser humano.



As pessoas

são sempre o meu foco"

-CLAUDIA BAUMGRATZ

